



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALITICA

FRANCESCO SCAGLIONE

A “PSICANÁLISE” ANTES DA PSICANÁLISE: SADISMO E MASOQUISMO
NAS *MEMÓRIAS DO SUBSOLO*

Monografia

Belo Horizonte, 2018

FRANCESCO SCAGLIONE

A “PSICANÁLISE” ANTES DA PSICANÁLISE: SADISMO E MASOQUISMO
NAS *MEMÓRIAS DO SUBSOLO*

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria
Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador: Prof. Verlaine Freitas

Belo Horizonte, 2018

Sumário

Resumo	3
Abstract.....	4
Introdução	5
Cap. 1 — Sadismo, masoquismo e psicanálise	9
1.1 Introdução ao sadomasoquismo	9
1.2 Freud e o sadomasoquismo	9
1.3 Karl Abraham, Melanie Klein e o sadomasoquismo.....	12
1.4. Os pós-freudianos e o sadomasoquismo.....	13
Cap. 2 — Literatura e psicanálise: o “homem do subsolo”	17
2.1. Um terreno comum	17
2.2 O romance psicológico.....	17
2.3 Fiódor Dostoiévski: biografia e produção literária	18
2.4 Fiódor Dostoiévski: pensamento crítico	20
2.5 <i>Memórias do subsolo</i> : uma síntese	21
2.6 Quem é o homem do subsolo?.....	23
2.7 Uma interpretação ideológica ou psicológica?	26
Cap. 3 — Uma tentativa de psicanálise textual.....	28
3.1 A “consciência” no homem do subsolo.....	28
3.2 O conflito interno.....	28
3.3. Uma raiva reprimida	29
3.4 A relação edipiana.....	30
3.5 A ambivalência	31
3.6 Sadomasoquismo em <i>Memórias do subsolo</i> : “O subsolo”	33
3.7 Sadomasoquismo em <i>Memórias do subsolo</i> : “A propósito da neve molhada”	35
Conclusão.....	41
Referências.....	46

Resumo

O presente trabalho pretende evidenciar como a psicanálise, além de ser um insubstituível instrumento de análise do psiquismo e uma poderosa ferramenta para o tratamento clínico do sofrimento psíquico, estende muito produtivamente seu âmbito de aplicação também à literatura. Tendo isso em mente, analisaremos um texto de Fiódor Dostoiévski publicado em 1864: *Memórias do subsolo*. A monografia visa sustentar a hipótese de uma tendência sadomasoquista no homem do subsolo, realizando-se então uma análise de seu comportamento, como evidenciado no desenvolvimento do romance. No início, são referidas algumas teorias psicanalíticas, desde Freud até os pós-freudianos contemporâneos, que se aprofundam na gênese e nas modalidades de expressão do sadismo, do masoquismo e da fusão deles. Após destacar as conexões entre literatura e psicanálise, claras no romance psicológico — com sua utilização da técnica do fluxo de consciência —, apresentaremos o autor, seu pensamento crítico, a essência do seu conceito de “subsolo”, e uma síntese da obra. Focalizaremos em seguida o personagem central do romance — o “homem do subsolo” —, fazendo uma análise geral de sua personalidade e de seu amargo teor conflituoso expresso ao longo do texto, utilizando as ferramentas da teoria psicanalítica. A análise do homem do subsolo feita com olhar psicanalítico enfatizará os trechos mais esclarecedores sobre sua consciência, seu conflito interior e sua raiva reprimida, em conexão com os conceitos de complexo edípico e de ambivalência.

Palavras-chave: Dostoiévski; homem do subsolo; psicanálise; Freud; sadomasoquismo.

Abstract

The present work intends to show how psychoanalysis, in addition to being an irreplaceable instrument of psyche analysis and a powerful tool for the clinical treatment of psychic suffering, extends its scope of application very much to literature as well. With this in mind, we will analyze a text by Fyodor Dostoevsky published in 1864: *Notes from Underground*. The monograph aims to support the hypothesis of a sadomasochistic tendency in the subsoil man, implementing an analysis of his behavior, as evidenced in the development of the novel. In the beginning, some psychoanalytic theories are referred, from Freud to the post-Freudian contemporaries, which deepen the genesis and the modalities of expression of sadism, of masochism and of their fusion. After highlighting the connections between literature and psychoanalysis, evident in the psychological novel — with its use of the technique of the flow of consciousness — we will present the author, his critical thinking, the essence of his concept of “subsoil”, and a synthesis of the work. We will then focus on the central character of the novel — the “subsoil man” —, making a general analysis of his personality and his bitter conflictual content throughout the text, using the tools of psychoanalytic theory. The analysis of the subsoil man made with a psychoanalytic look will emphasize the most enlightening passages about his consciousness, his inner conflict and his repressed anger, in connection with the concepts of oedipal complex and ambivalence.

Keywords: Dostoevsky, underground man, psychoanalysis, Freud, sadomasochism.

Introdução

A psicanálise e parte da literatura, durante o século XX, tornaram-se conscientes de avançar no mesmo terreno: a compreensão da natureza humana e suas manifestações. Assim como a literatura e a crítica literária sentiram a necessidade de recorrer cada vez mais aos estudos de Freud, Jung e Lacan — como no caso do surrealismo e dos escritores do fluxo da consciência — da mesma forma a psicanálise se voltou para o trabalho de narradores e poetas para encontrar a confirmação de suas teorias, com a consciência, já expressa por Freud no início do século, de que eles são aliados preciosos na descrição da vida interior do homem (Freud, 1907/2015).

A psicanálise, cujas ideias e técnicas têm sido usadas por grande número de escritores, em particular para descrever a vida interior de seus personagens, empresta à literatura duas ferramentas estilísticas fundamentais: o monólogo interior e o fluxo de consciência. O primeiro, concebido essencialmente como uma auto-análise do caráter, baseia-se numa associação de ideias mais ou menos consciente; o segundo vê a consciência como um agregado articulado e contraditório, representado retoricamente através de uma emergência como que involuntária e descontrolada das camadas mais profundas da psique, com a contínua associação de palavras, imagens e pensamentos.

Entre os muitos autores que têm uma estreita relação com a psicanálise — como, por exemplo, James Joyce, Virginia Wolf, Arthur Schnitzler e Franz Kafka¹ —, quem pode ser, sem dúvida, considerado um precursor da psicanálise é o escritor russo do século XIX, Fiódor Dostoiévski: se podemos considerar 1900 como data de nascimento da psicanálise, com a publicação de *A Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1971), ao mesmo tempo vemos que Dostoiévski já décadas antes havia introduzido na literatura profundas e detalhadas análises psicológicas dos caracteres², descritos de forma coerente em todas as nuances da personalidade (Lamendola, 2017).

O presente trabalho, então, surge com a intenção de se aprofundar nas ligações entre a psicanálise e a literatura, tentando aplicar à segunda as ferramentas próprias da

¹ Entre as obras mais significativas: *Ulisses* por James Joyce, *As ondas* por Virginia Wolf, *Breve romance de sonho* por Arthur Schnitzler (do qual foi traído o filme *De olhos bem fechados* de S. Kubrick), *O processo* por Franz Kafka.

² Lembramos aqui: *Memórias do subsolo* (1864), *Crime e castigo* (1866), *O idiota* (1869), *Os irmãos Karamazov* (1881).

primeira; e qual escolha seria melhor que a de um romance dostoevskiano? Entre a vasta produção literária de Dostoiévski, selecionou-se especificamente as *Memórias do subsolo* por ser o primeiro daquele autor a operar uma incursão no campo da filosofia, e principalmente por introduzir o tema do “homem do subsolo”, presente em todos seus trabalhos posteriores (Lo Gatto, 1943), que se considera como o protótipo desde o qual foram derivadas, apesar que não diretamente, todas as sucessivas elaborações da psicologia profunda, até chegar ao conceito freudiano de inconsciente.

A análise do texto visa estabelecer um paralelo entre as expressões do homem do subsolo e um conjunto de características que podem ser classificadas como tendências sadomasoquistas; para sustentar a suposição, apresentaremos uma visão panorâmica das principais teorias psicanalíticas que abordam a matéria do sadismo, do masoquismo e da raiva, desde Freud até os pós-freudianos contemporâneos, e realçaremos os trechos do romance que mais parecem confirmar a hipótese.

Para esse efeito, incluiremos uma breve biografia crítica do Autor e uma síntese do romance; para a parte literária, utilizei os comentários de autores da Bulgária (T. Todorov), dos Estados Unidos (R. L. Belknap, J. Frank), da Itália (G. Bottiroli, G. Gallo, S. Givone, A. Moravia), da Suíça (J. Starobinski), com minha tradução quando utilizei textos não em português.

Pelos comentários sobre a teoria psicanalítica, além do próprio Freud, fiz referência a autores da Alemanha (K. Abraham, K. Horney, R. von Krafft-Ebing), da Áustria (M. Klein, H. Kohut), da França (J. Laplanche, J. B. Pontalis), do Reino Unido (J. Bowlby, F. De Zulueta), e a um autor dos Estados Unidos (H. F. Searles), aqui também com minha tradução, quando utilizei textos não em português.

Na abordagem à teoria psicanalítica, dei por conhecidas as noções básicas do sadismo e do masoquismo; acrescento aqui apenas as descrições feitas por Laplanche & Pontalis em *Vocabulário da Psicanálise* (2004), que foi a fonte principal da terminologia utilizada neste trabalho:

SADISMO “Perversão sexual em que a satisfação está ligada ao sofrimento ou à humilhação infligida a outrem. A psicanálise estende a noção de sadismo para além da perversão descrita pelos sexólogos, reconhecendo-lhe numerosas manifestações mais encobertas, particularmente infantis, e fazendo dele um dos componentes fundamentais da vida pulsional” (p. 465).

MASOQUISMO “Perversão sexual em que a satisfação está ligada ao sofrimento ou à humilhação a que o sujeito se submete. Freud estende a noção de masoquismo para além da perversão descrita pelos sexólogos, por um lado reconhecendo elementos dela em numerosos comportamentos sexuais, e rudimentos na sexualidade infantil, e por outro lado descrevendo formas que dela derivam, particularmente o “masoquismo moral”, no qual o sujeito, em razão de um sentimento de culpa inconsciente, procura a posição de vítima sem que um prazer sexual esteja diretamente implicado no fato” (p. 274).

Já nestas descrições vislumbramos algumas características típicas do homem do subsolo: a “satisfação ligada ao sofrimento ou humilhação infligida a outrem”, e aqui poderia apontar o episódio da prostituta Liza (cfr. Par. 3.7), ou o “masoquismo moral” (ou vitimização), que se pode encontrar ao longo de todo o romance, salientado também na crítica de Todorov (1996) às *Memórias*: “os aspectos aparentemente caóticos e contraditórios das *Memórias do subsolo* encontram sua unidade. O masoquismo moral, a lógica do mestre e do escravo, o novo status da ideia, todos participam da mesma estrutura fundamental” (p. 167).

A monografia é constituída por três capítulos: o primeiro, “*Sadismo, masoquismo e psicanálise*”, visa introduzir as teorias psicanalíticas em relação ao sadomasoquismo, com predominância nos escritos de Freud, mas também com um olhar aos pós-freudianos, até os autores contemporâneos; o segundo, “*Literatura e psicanálise: o ‘homem do subsolo’*”, aponta as muitas ligações entre literatura e psicanálise — o olhar sobre consciente e inconsciente, real e imaginário, a mitologia — sobretudo no romance psicológico, e, depois de uma introdução ao Autor e à Obra, tenta delinear a essência do homem do subsolo e distinguir entre as possíveis interpretações das *Memórias*; enfim, o terceiro “*Uma tentativa de psicanálise textual*”, tenta elaborar as conexões entre a teoria psicanalítica e o texto de Dostoiévski à luz da hipótese de fundo do sadomasoquismo, sem deixar de salientar, em alguns trechos, as ligações possíveis com a biografia do Autor.

A interpretação de um texto literário através das ferramentas próprias da psicanálise é sempre uma operação sujeita aos muitos riscos de generalização e distorção, então as conclusões às quais este trabalho chegou terão de ser consideradas só como algumas das interpretações possíveis; um personagem fictício não pode confirmar ou desmentir

nenhuma suposição sobre a sua “psique”, como poderia fazer um paciente no curso da sua análise, simplesmente por que ele não tem uma.

Isso não quer dizer que seja impossível: o próprio Freud se ocupou muitas vezes da interpretação do ato da criação artística, como no *O poeta e o fantasiar* (1907/1981), ou de obras de arte, como no *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910/2013c) ou no *O Moisés de Michelangelo* (1914/2012), o até de alguns textos de literatura, como em *O delírio e os sonhos na Gradiva de Jensen* (1907/2015) ou no *O tema da escolha do cofrinho* (1913/2010c); mas ele também manifestou uma reserva prudente contra os perigos da generalização indevida da interpretação psicanalítica aplicada às obras de arte (Bottiroli, 2000).

No final, reafirmando aqui mais uma vez a genialidade do Autor, gostaria de citar as palavras que Freud escreveu no seu último, e incompleto, texto “*Algumas lições elementares de psicanálise*” em 1938:

O conceito de inconsciente por muito tempo esteve batendo aos portões da psicologia, pedindo para entrar. A filosofia e a literatura quase sempre o manipularam distraidamente, mas a ciência não lhe pôde achar uso. A psicanálise apossou-se do conceito, levou-o a sério e forneceu-lhe um novo conteúdo (Freud, 1940/1975, p. 321).

Tenho a certeza de que o “quase” nessa frase possa ser uma referência às obras de Dostoiévski.

Cap. 1 — Sadismo, masoquismo e psicanálise

1.1 Introdução ao sadomasoquismo

Para nos orientar, tomamos a descrição de sadomasoquismo feita por Laplanche e Pontalis (2001): não é apenas a complementariedade entre sadismo e masoquismo, mas algo que aponta “a um par de opostos fundamental, quer na evolução, quer nas manifestações da vida pulsional”; no conflito intersubjetivo manifesta-se como mútua relação entre as posições de dominação e submissão, e na estrutura do sujeito como “autopunição” (p. 466).

A relação entre o sadismo e o masoquismo foi inicialmente apontada por Krafft-Ebing (1886), e foi retomada por Freud (1905/2016) já desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, onde ele escreve que o masoquismo surge primariamente como sadismo que evolui voltando-se contra o próprio sujeito (p. 51-55).

1.2 Freud e o sadomasoquismo

A primeira citação do sadismo e masoquismo por Freud é de 1905, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*: “A mais frequente e mais significativa de todas as perversões, a inclinação a infligir dor ao objeto sexual e sua contrapartida” (*ibid.*). Ele constata que junto à sexualidade dos homens é comum existir também uma componente agressiva, uma “inclinação a subjugar”, a “superar a resistência do objeto sexual”, então o sadismo corresponderia a “uma componente agressiva da pulsão sexual” (p. 51-52); o masoquismo, ao contrário, seria o conjunto das “atitudes passivas ante o sexo e o objeto sexual”, chegando até sujeitar “a satisfação com o sofrimento de dor física ou psíquica por parte do objeto sexual” (*ibid.*).

Para o Freud dos *Três ensaios* o masoquismo origina-se por uma transformação do sadismo originário, e uma reversão sobre o próprio sujeito: “o masoquismo não é senão um prosseguimento do sadismo, voltado contra a própria pessoa, que toma inicialmente o lugar do objeto sexual” (1905/2016, p. 52-53). Acrescenta que normalmente estas duas tendências encontram-se contemporaneamente, em graus diversos, no mesmo sujeito: “Um sádico sempre é, simultaneamente, um masoquista, embora o lado ativo ou o lado passivo da perversão esteja mais desenvolvido nele e constitua sua atividade sexual predominante” (p. 54). Uma nota no texto aponta para a

mesma conclusão no trabalho de Havelock Ellis (1921), *Studies in the Psychology of Sex*: “A investigação de histórias de sadismo e masoquismo, mesmo aquelas fornecidas por Krafft-Ebing (como Colin, Scott e Féré já assinalaram), revela constantemente traços dos dois grupos de fenômenos no mesmo indivíduo” (p. 119).

Na quarta das *Cinco lições de psicanálise*, Freud (1910/2013a) põe em relação sadismo e o masoquismo com a dupla antitética pulsional do prazer libidinal — ativo e passivo — que se manifesta precocemente na criança, além das atividades autoeróticas, e que é dirigido para um objeto externo: “manifestam-se bem cedo na criança aqueles componentes [...] da libido que pressupõem outra pessoa como objeto. Estas pulsões aparecem em pares de opostos, como ativos e passivos” (p. 204-205).

Em *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica*, Freud (1910/2013b) ainda menciona a atividade e passividade em relação ao sadismo, ao masoquismo e à condução do tratamento analítico: “até onde se deve conceder, no tratamento, alguma satisfação às pulsões combatidas do paciente, e que diferença faz se estas pulsões forem de natureza ativa (sádica) ou passiva (masoquista)?” (p. 225).

O assunto foi tratado de maneira mais ampla no estudo *Pulsões e destinos da pulsão* de 1915, onde ele especifica que: 1) sadismo e masoquismo são duas pulsões sexuais e, referindo-se à infância, são também pulsões parciais; 2) o destino pulsional do sadismo é o masoquismo; 3) o destino pulsional é consequência de mecanismos de defesa; 4) a defesa contra o sadismo consiste na transformação em seu contrário — o masoquismo — com mudança da atividade à passividade; 5) este tipo de defesa é arcaico em relação a outros mecanismos de defesa posteriores (p.ex. a remoção). Devemos notar que neste texto Freud não explica claramente o mecanismo pelo qual o sadismo e o masoquismo incorrem nas defesas (p.ex. a natureza do que é removido, ou a motivação da defesa): tudo isso será tratado mais extensivamente em *Além do princípio do prazer* de 1920.

A questão da defesa que causa a transformação do sadismo em masoquismo será definida em *Além do princípio do prazer* através da introdução da bipolarização entre pulsão de vida e pulsão de morte; o masoquismo, pulsão parcial que complementa o sadismo, é visto como uma reversão do sadismo para o Eu do sujeito, isto é, como um retorno a uma fase anterior de organização (Freud, 1920/2010a, p. 165): a regressão é

uma das possibilidades à qual é sujeita a vida pulsional (p. 170), e parece acontecer sem o típico ruído das pulsões de vida, as quais “se apresentam perturbando a paz, trazendo tensões cuja eliminação é sentida como prazer”; o masoquismo, que ao contrário obedece ao princípio do prazer, seria então sujeito às pulsões de morte (p. 172).

No trabalho *O problema econômico do masoquismo*, Freud (1924/2011) aponta mais uma vez a questão do sadismo e do masoquismo em relação às pulsões de vida e de morte, evidenciando a natureza enigmática deste último pela aparente contradição com o princípio do prazer (p. 167). Freud faz uma nova consideração sobre a origem do masoquismo, completando assim a afirmação do ano 1920, introduzindo também a hipótese de um masoquismo originário que em seguida pode ser dirigido para o exterior em forma de sadismo. A libido encontra a pulsão de morte e, em boa parte, a desvia para fora, para torná-la inofensiva para o sujeito, embora destrutiva para o mundo exterior; uma outra parte, apesar de dirigida para o exterior, é colocada diretamente a serviço da pulsão sexual e origina o sadismo propriamente dito; finalmente, a parte que não se dirige para fora, constitui o masoquismo original (1924/2011, p. 172).

Enfim, no texto *Sobre a sexualidade feminina*, Freud (1931/2010b) dá-nos uma leitura ainda mais atenta do fenômeno, apontando à universalidade psíquica da reação ativa a uma experiência vivida passivamente, o que confirmaria o mecanismo de transformação em sadismo do masoquismo original:

A relação entre atividade e passividade merece aqui o nosso particular interesse. É fácil observar que em todo âmbito da vida psíquica, não apenas no da sexualidade, uma impressão recebida passivamente pela criança suscita a tendência a uma reação ativa. Ela procura fazer o mesmo que antes foi feito nela ou com ela (p. 214).

Quando o sujeito tenta fazer a mesma coisa que ele sofreu anteriormente, inconscientemente está motivado a integrar uma experiência passiva com uma ação ativa. Nesta leitura, Freud inverte o que foi anteriormente exposto em *Pulsões e destinos da pulsão* e em *Além do princípio do prazer*: já não afirma que da atividade se vá para a passividade, mas que a partir da passividade vamos em direção à atividade. Isto liga o sadismo, entendido como uma reação ativa, aos eventos históricos do

sujeito e o lê como uma resposta construída com base nas experiências dele. Essa explicação é mais articulada com a clínica do que a anterior, a qual, ligada à pulsão de morte, isto é, a um elemento *a priori* e biológico, é deficiente em fornecer uma explicação psíquica.

1.3 Karl Abraham, Melanie Klein e o sadomasoquismo

O sadismo é a expressão da interligação dos impulsos agressivo e sexual: o primeiro pode tornar-se consciente como puro, sublimado, pode ainda ser convertido no seu oposto ou voltar-se contra o sujeito: este excerto resume a posição de Abraham (1909, p. 581) sobre o sadismo e sua inversão no masoquismo. O sadismo se fixaria na fase anal da organização psicosexual infantil, estando entre as causas subjacentes à neurose obsessiva; uma repressão dos impulsos sádicos é o elemento que promove a inversão da agressividade sobre o sujeito, como ele assim relata:

Como resultado da repressão do sadismo, surgem depressão, ansiedade e autocensura. Mas se uma fonte tão importante de prazer da qual as pulsões ativas fluem é obstruída, haverá um reforço das tendências masoquistas. O paciente adotará uma atitude passiva e obterá prazer de seu sofrimento e de pensar continuamente em si mesmo (1911/1927, p. 147).

(Como veremos, todas estas características — *uma atitude passiva, obter prazer de seu próprio sofrimento, pensar continuamente em si mesmo* — são parte do comportamento do homem do subsolo dostoiévskiano.)

Na visão de Melanie Klein (1932/1981), a formação do superego situa-se nas fases arcaicas do desenvolvimento psicosexual; para ela, a agressividade é a expressão dos impulsos destrutivos da criança, dirigidos primariamente ao seio da mãe, e as vicissitudes desta relação objetal podem chegar até a uma contínua coexistência das tendências sádicas e agressivas com a pulsão sexual. Quando as tendências sádico-orais são muito precoces, o caráter da criança mostrará as características do sadismo e da ambivalência, o que pode até propiciar o desenvolvimento de uma neurose obsessiva (p. 174-175).

Neste excerto, Klein aponta claramente a gênese do estágio mais primitivo do superego, onde se verifica uma sobreposição das organizações libidinais (oral, uretral, anal) com aquela genital, e o objeto sexual torna-se o progenitor do sexo oposto, enquanto a agressividade é dirigida para o genitor do mesmo sexo:

Embora os impulsos pré-genitais da criança ainda estejam em ascensão, ela já começa a sentir, além dos desejos orais, uretrais e anais, desejos genitais pelo genitor do sexo oposto, e ciúme e ódio pelo genitor do mesmo sexo, e a sofrer um conflito entre seu amor e seu ódio pelo último (p. 185).

1.4. Os pós-freudianos e o sadomasoquismo

Tendo como referência o estudo de Felicity de Zulueta (2006), *From Pain to Violence: The Traumatic Roots of Destructiveness*, pode-se afirmar que o sadismo e o masoquismo têm origem em experiências ligadas à raiva: os que se interessam ao estudo das emoções distinguem entre respostas *funcionais* como a agressividade (as “emoções adversativas”), e respostas *disfuncionais* (raiva, vingança, reivindicações, violência, destrutividade). A agressividade, entre as emoções primárias, é um comportamento reativo e funcional que desempenha uma importante função adaptativa: é a reatividade defensiva que desencadeia, perante uma experiência emocional em ato ou uma memória, uma resposta emocional que o sujeito é capaz de dominar.

Totalmente diferentes são os campos da raiva, da vingança e da destrutividade, que devem ser considerados expressões de uma reatividade disfuncional, porque atuam dentro de uma estrutura intrapsíquica de um Eu desarticulado e fragmentado, que é incapaz de se adaptar à implicação emocional que foi despertada pela experiência.

Este conceito da reatividade disfuncional é expresso claramente nestas palavras de John Bowlby (1973):

A raiva disfuncional ocorre sempre que uma pessoa, criança ou adulto, se torna tão intensamente e/ou persistentemente irritada com seu parceiro que o vínculo entre eles é enfraquecido, ao invés de ser fortalecido, e o parceiro é alienado. A raiva com um parceiro torna-se disfuncional também sempre que pensamentos ou atos agressivos cruzam o limite estreito entre ser dissuasivo e ser vingativo. É nesse ponto, também, que o sentimento deixa de ser a ‘cólera’ da raiva e pode se tornar, ao contrário, a ‘malícia’ do ódio (p. 248-249).

Então, o Eu que não consegue dominar uma experiência conflituosa na relação com seu parceiro deixa de utilizar a agressividade como reatividade defensiva e a coloca em ação a serviço da sua destrutividade.

Voltando ao significado de defesa “precoce”, Freud, em seu texto *Pulsões e destinos da pulsão*, identifica na transformação da polaridade ativa em passiva a ação de uma defesa precoce, primitiva no sentido cronológico e evolutivo.

A característica distintiva deste tipo de atividade, originada por uma defesa que gira em torno do eixo da vingança, apresenta-se como uma forma de pseudo-atividade ou atividade “falsa”, na lógica do trauma e suas respostas reativas, compensatórias e não elaboráveis. Portanto, lidamos aqui com uma defesa que não é “precoce”, mas primitiva, no sentido de elementar e simples: uma defesa que pertence a um Eu desconexo e fragmentado, incapaz de gerenciar a dor psíquica derivada de experiências traumáticas e abusivas. Um Eu que reage à dor apenas através da inversão simplista, “mecânica” e reativa no oposto, de acordo com uma fórmula baseada na negação, assim resumível: não sou eu que recebo a dor, é o outro.

Esse é o significado da estratégia inconsciente destacada por autores como Bowlby e Searles, quando inserem formas disfuncionais de raiva na categoria da vingança. É uma reação limite, uma espécie de último recurso, acionado quando o sujeito “sente” que não há outra reação possível.

É nesse sentido que Bowlby (1973) cunhou a expressão “raiva do desespero”, que pode ser percebida como uma tentativa de destruir por causa da experiência de ter sido destruído:

Embora às vezes o comportamento agressivo de uma criança que experimentou uma separação pareça ser dirigido para toda a gente, muitas vezes [...] ela é claramente dirigida para um dos pais ou substituto parental e é uma expressão de raiva pela maneira como ela foi tratada. Às vezes é a raiva da esperança; às vezes a raiva do desespero (p. 246).

Também Kohut, ligando a vingança às necessidades da área narcisista, afirma que a necessidade de se vingar, corrigir um erro, anular um dano por qualquer meio, suportado por uma compulsão “implacável” a repetir são as características da raiva narcísica em todos os seus aspectos. O desejo de transformar uma experiência passiva em uma ativa pode explicar o imediatismo reativo com o qual o sujeito responde usando um “remédio” simples, estruturalmente quase automático: infligir ativamente ao outro aquelas feridas narcísicas que outrora enfrentou e sofreu, uma retaliação vista como o efeito de uma “compensação irreparável”.

Num seu texto, *Thoughts on Narcissism and Narcissistic Rage*, Kohut (1972) aponta também a falta de limitações na resposta vingativa da raiva narcísica, induzida por um desejo incontrolável de reverter os efeitos do insulto:

[...] a necessidade de vingança e o desejo de transformar uma experiência passiva em uma ativa, contudo, não explica plenamente alguns dos mais característicos aspectos da raiva narcísica. Em suas formas típicas, há total desrespeito por limitações razoáveis e um desejo ilimitado de reparar uma injúria e obter vingança. A irracionalidade da atitude vingativa torna-se ainda mais assustadora em vista do fato de que — em personalidades narcisistas como nas paranóicas — a capacidade de raciocínio, enquanto totalmente sob o domínio e ao serviço da emoção dominante, não é apenas intacta, mas afiada (p. 382).

O sadismo então pode ser lido à luz de uma vingança pelo objetivo de empatar as contas, para desferrar, guiada por uma espécie de lei da retaliação, exigindo revida.

Esses autores do pós-freudismo, diferentemente dos pontos de vista freudiano e kleiniano, não se movem em um contexto biológico e constitucional, mas oferecem uma explicação experiencial, ligada ao que foi vivido emocionalmente. Bowlby enfatiza o caráter secundário, e não primário, do comportamento raivoso/vingativo, um comportamento não atribuível ao instinto, mas à reatividade da resposta.

Da mesma forma, Harold Searles (1965) argumenta que a vingança é estritamente funcional para a remoção da dor; em particular, na gestão da angústia de separação, a tarefa da vingança seria continuar a manter uma ligação libidinal com a pessoa que nos ofendeu. Em seu texto *The Psychodynamics of Vengefulness*, ele assim relata:

Pode-se dizer [...] que a vingança — ou, aliás, qualquer uma das outras formas de hostilidade — pode servir como defesa contra qualquer afeto reprimido. Mas a vingança parece se prestar particularmente bem à repressão do luto e da ansiedade de separação. Ela permite que a pessoa evite ou adie a experiência de ambos os afetos, porque na realidade não desistiu da outra pessoa para a qual sua vingança é dirigida: isto é, sua preocupação com fantasias vingativas sobre essa pessoa serve, na verdade, como uma maneira de se manter psicologicamente ligada a ela (p. 177).

Também Karen Horney (1948) aprofundou a funcionalidade psíquica da dinâmica da vingança, identificada por ela na necessidade de reparar a ferida narcísica, na restauração do orgulho ofendido e na redenção da situação original da impotência. Os comportamentos vingativos tornam-se a paixão que guia toda a vida e à qual tudo está

subordinado, até o interesse por si mesmo. Todas as intenções, todas as energias são dedicadas ao único propósito de obter um triunfo vingativo (p. 3-12).

Com frequência, os comportamentos sádicos, não só no âmbito sexual, mas também no moral, são atuados por sujeitos que vivem em função da vingança, a qual se transforma num tamanho impulso motivacional, que se traduz no único propósito da sua vida: a vingança desempenha um papel compensatório, ao ponto de assumir uma função estrutural, no sentido de fornecer alimento a um Eu fraco, esvaziado e frágil em relação à economia psíquica.

No sadismo, a vingança, na forma de pseudo-atividade, desempenha o papel de uma defesa multifuncional, centrada em duas funcionalidades básicas: o desvio da dor e a tentativa — embora disfuncional e desadaptativa — de restaurar a integridade comprometida do Eu.

O masoquismo, pelo contrário, parece ser uma resposta mais conservadora e menos reativa em relação ao sadismo: nas sintomatologias masoquistas o sujeito volta à experiência histórica de passividade original, na qual se vê, inconscientemente, como aquele que é vítima e continua a suportar. Nesses casos, a compulsão à repetição parece estar ligada à adesão rígida à imagem de si mesmo, e mais especificamente, à imagem de um Eu abusado. Na repetição da condição e experiência de abuso e violência, o sujeito se identifica e então se confirma nessa imagem que representa sua identidade básica inconsciente.

Em resumo, podem-se considerar as manifestações sádicas como uma resposta através da qual a passividade original, ligada à experiência de sofrer o “dano”, para fins defensivos é transformada em pseudo-atividade, enquanto, ao contrário, as manifestações masoquistas expressam a experiência original de passividade, rigidamente reproposta pelo sujeito para preservar sua própria identidade inconsciente de “abusado”.

Cap. 2 — Literatura e psicanálise: o “homem do subsolo”

2.1. Um terreno comum

Sem dúvida, os escritores são os precursores da psicanálise e, talvez, seus melhores aliados. Diz Freud (1907/2015): “Provavelmente bebemos da mesma fonte, trabalhamos o mesmo objeto, cada um com outro método, e a coincidência do resultado parece garantir que ambos trabalharam corretamente” (p. 53). Ainda mais marcantes são as palavras do crítico literário suíço Jean Starobinski (1967/1975): “O poeta é um sonhador que não se analisou, mas que, todavia, reagiu dramaticamente; Freud é um Shakespeare que se analisou” (p. 326).³

Na realidade, a psicanálise até apropriou-se de alguns mitos com a mediação da literatura. É inegável, por exemplo, a importância do texto de Sófocles na elaboração do complexo de Édipo; ainda é Freud (1900/1971) que estabelece um paralelismo entre a construção desta tragédia e o desenrolar de uma análise:

a ação da tragédia consiste em nada mais que a revelação gradualmente aprofundada e adiada deliberadamente — comparável ao trabalho de uma psicanálise — que o próprio Édipo é o assassino de Laio, mas também é o filho do assassinado e de Jocasta (p. 243).

Não devemos nos surpreender, portanto, que um grande número de escritores, especialmente a partir dos finais do século XIX, através das detalhadas descrições das introspecções e dos fluxos de consciência de seus personagens, aproximou-se muito às técnicas utilizadas pouco depois pela psicanálise para abordar o conteúdo mais profundo da psique.

2.2 O romance psicológico

A este respeito, a lista de obras e autores seria muito longa, mas só quero mencionar aqui brevemente os mais significativos da literatura Ocidental: *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, de Robert L. Stevenson (1850-1894), aborda o tema da divisão de identidade pessoal; Italo Svevo (1861-1928) escreve *A consciência de Zeno*, autobiografia de um paciente que abandonou o próprio tratamento psicanalítico; Luigi Pirandello (1867-1936) encena a existência como sonho, onde o homem vive sua solidão e sua dissociação do Outro numa realidade mítico-simbólica; *Em busca do*

³ São minhas todas as traduções de italiano em português

tempo perdido, de Marcel Proust (1871-1922), descreve uma interminável análise à procura dos fantasmas do inconsciente através das lembranças do passado; James Joyce (1882-1941) e Virginia Woolf (1882-1941) são os mestres do monólogo interior, o primeiro evidenciando a desconfiança na racionalidade e a fuga no irracional do Eu fragmentado, a segunda expressando em seus romances o lado obscuro de seu Eu mais profundo, onde a insanidade torna-se metáfora da existência humana; as obras de Franz Kafka (1883-1924), enfim, são uma autoanálise povoada por sintomas múltiplos (divisão do Eu, alucinações, delírios, sentimentos de culpa), onde só a pulsão de morte pode redimir o vácuo existencial.

Quem, entretanto, inquestionavelmente pode-se considerar o precursor da psicanálise freudiana é o escritor russo Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881), em cujas obras já se podem encontrar algumas das ideias freudianas, como a coexistência no mesmo indivíduo de componentes opostas e complementares (para ele: “bem” e “mal”) — cuja interação determina o comportamento do sujeito em sua ambiguidade, constituindo também o seu Eu — e a noção de inconsciente (para ele: o “subsolo” mental).

Até o próprio Freud (1928/2014) dedicou-lhe um importante trabalho: *Dostoiévski e o parricídio*, no qual faz uma análise da personalidade do autor baseando-se em sua biografia e em suas obras, sobretudo *Os irmãos Karamazov*, que define “o mais formidável romance jamais escrito” (p. 276), e de quem não esconde sua admiração: “Quanto ao escritor, há poucas dúvidas: ele ocupa um lugar não muito atrás de Shakespeare” (*ibid.*).

Entre as obras de Dostoiévski, a mais emblemática desta antecipação da psicanálise na literatura foi escrita quando Freud tinha apenas 8 anos, em 1864, e cujo título é extremamente revelador: *Memórias do subsolo*.

2.3 Fiódor Dostoiévski: biografia e produção literária

Para melhor compreender a gênese de *Memórias do subsolo*, segue uma breve biografia⁴ do autor.

⁴ Consultei a *Enciclopedia della Letteratura*, AA. VV. Garzanti, Milano, 2007 - rubrica: *Dostoevskij Fëdor*

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski nasceu no dia 30 de outubro (calendário juliano) de 1821, numa família da classe média em Moscou; por causa do pai, médico militar, aristocrata decadente, extravagante e despótico, cresceu em um ambiente religioso e autoritário. Em 1837 sua mãe, doente há muito tempo, morreu, e ele foi matriculado na escola de engenharia militar de São Petersburgo, uma instituição frequentada relutantemente, tendo os seus interesses já firmemente estabelecidos para a literatura.

Depois de se formar em 1843, desistiu da carreira que o título iria abrir e, lutando com a pobreza e os problemas de saúde, começou a escrever seu primeiro livro, *Gente pobre* (1846), e já se revelou sua atenção para o sofrimento do homem socialmente degradado e também incompreendido em sua bondade. No mesmo ano lançou seu segundo romance, *O duplo*, a história de uma cisão psíquica para a qual o protagonista está gradualmente tragado no pesadelo de um outro Eu. Dois anos mais tarde, foi dada à imprensa *Noites brancas* (1848), história sentimental e delirante cujo personagem principal é um jovem sonhador que se apaixona por uma jovem conhecida por acaso.

Em 1849, por ter se juntado a um círculo de intelectuais socialistas, foi condenado à morte com outros membros do grupo; mas no dia da execução veio a “graça” do czar (era de fato uma encenação punitiva atroz) e a sentença foi comutada em quatro anos de trabalho forçado na Sibéria. O que se seguiu foi um período muito duro para ele — começou a manifestar-se nele a epilepsia — que o escritor lembrou com extrema intensidade num livro publicado algum tempo depois: *Recordações da casa dos mortos* (1861-62). Foi obrigado a passar outros quatro anos como um soldado simples, em Semipalatinsk, antes que pudesse retornar, em 1858, a São Petersburgo.

Em 1857 se casou com uma jovem mulher, uma viúva com um filho, e em 1859 lançou dois romances, *Aldeia de Stiepanchikov e seus habitantes* e *O sonho do tio*, nos quais entrelaçam-se humor grotesco e crítica de costumes. Em 1862 publicou o romance *Humilhados e ofendidos*, investigação dolorosa sobre a potencialidade da alma humana, tantas vezes sufocada ou traída. Em 1864 sua esposa e seu irmão morreram; em 1865 publicou *Memórias do subsolo*, uma atormentada análise do inconsciente e da insuficiência do intelecto para penetrar (e justificar) a si mesmos e aos outros. Em 1866 apareceu *Crime e castigo*, que termina com o arrependimento e

expição do protagonista, consciente da desumanidade de sua própria moral abstrata de “indivíduo superior”.

Em 1867, casou-se com a sua estenógrafa, Anna Snitkina, e publicou *O jogador*, um romance parcialmente autobiográfico cujo “herói” é um homem dominado pela paixão da roleta; na verdade, pouco depois, atolado em dívidas de jogo e perseguido pelos credores, o escritor deixou a sua esposa e a Rússia, viajando para Alemanha, França, Suíça, Itália. Viveu no exterior cerca de cinco anos e nesta época escreveu *O idiota* (publicado em 1868-69), a história da derrota de um homem “absolutamente bom”. De volta à Rússia, publicou em 1873 *Os demônios*, um romance centrado na problemática do niilismo, do ato gratuito e da ausência de Deus. No mesmo ano começou, no periódico reacionário *O cidadão*, a publicação do *Diário de um escritor*, que em seguida, a partir de 1876 e até 1881, tornou-se revista independente.

Em 1879-80 veio à luz seu último romance, *Os irmãos Karamazov*, no qual opõem-se o ódio entre pai e filhos, e a pureza e a fé de uma criatura inocente. O escritor já era famoso quando, devido ao agravamento do seu enfisema pulmonar, faleceu no dia 28 de janeiro (calendário juliano) de 1881.

2.4 Fiódor Dostoiévski: pensamento crítico

Dostoiévski foi um grande autor literário, e apesar de não se poder falar de um seu pensamento filosófico em termos estritos, concordo com o filósofo italiano Sergio Givone (2006) sobre o assunto, no sentido que sem dúvida se enquadram no âmbito da filosofia as muitas temáticas trazidas pelos seus personagens:

Ler filosoficamente Dostoiévski é entendido aqui no sentido de deixar entrar no campo da filosofia as muitas e decisivas questões que os personagens dostoiévskianos colocam a si próprios e uns para os outros, num jogo dialético de perspectivas que correm ao longo de eixos cruzados, onde a hipótese de um ponto de vista superior e absoluto é revogada. O propósito não é certamente extrair dos romances de Dostoiévski um sistema de pensamento, que não há, nem poderia ser deduzido deles sem evidentes forçagens e distorções (p.VI).

Givone (2006) acrescenta que a passagem de uma dimensão literária para uma dimensão especulativa encontra-se naquele que Dostoiévski chama de “pensamento duplo”, um pensamento trágico, contraditório como é contraditória a realidade.

O pensamento de Dostoiévski não é monolítico nem unitário, pois coloca em evidência a multiplicidade existente na profundidade psíquica do homem como se fosse a partitura de uma música polifônica; este conceito é bem expresso por Mikhail Bakhtin (1968): “A pluralidade de vozes e consciências independentes e desordenadas, a autêntica polifonia de vozes totalmente autônomas constitui efetivamente a característica fundamental dos romances de Dostoiévski” (p.12).

Por outro lado, é impossível uma análise somente literária das obras de Dostoiévski, numa total abstração dos maiores debates ideológicos ligados aos conteúdos de suas novelas, como bem sublinhado por Tzvetan Todorov (1996):

A ‘técnica’ de Dostoiévski pode ser estudada abstraindo-se dos grandes debates ideológicos que animam esses romances? [...] Propor hoje uma leitura de Dostoiévski é, de certo modo, um desafio: é preciso ver, simultaneamente, as ‘ideias’ de Dostoiévski e sua ‘técnica’ sem inclinar-se desproporcionalmente para uma ou para a outra⁵ (p. 146).

2.5 Memórias do subsolo: uma síntese

Antes de propor a análise da obra e seu protagonista, apresento um breve resumo dela.

O livro é dividido em duas partes: a primeira é chamada “*O subsolo*” e a segunda “*A propósito da neve molhada*”. A história toda se passa em São Petersburgo, uma cidade cara a Dostoiévski e que combina perfeitamente com o caráter das “Memórias” e com o protagonista, o qual permanecerá desconhecido.

A primeira seção é bastante estática, pois o herói se entrega a um monólogo no qual critica abertamente os valores e ideais do pensamento positivo que, em sua opinião, nunca irão se enraizar na sociedade moderna para torná-la perfeita como se pensa. O narrador visa a espontaneidade, a superioridade do instinto humano sobre a razão, uma vez que o homem sempre será guiado por seus próprios impulsos e será atraído pelo que gosta, negligenciando qualquer imposição de raciocínio lógico. Sempre buscará humilhação, culpa e desapontamento; sempre cometerá as esquisitices, as ações sem sentido e irracionais das quais pagará as consequências, mas que ao mesmo tempo apreciará ter realizado. E isso por quê? Porque os impulsos e suas paixões o levaram

⁵ São minhas todas as traduções de espanhol em português

até lá e ele, em sua inconsciência consciente, fez o que mais o agradou. Uma frase pronunciada pelo protagonista resume todo o capítulo: “Mas a vontade, com muita frequência e, na maioria dos casos, de modo absoluto e teimoso, diverge da razão” (Dostoiévski, 1984/2004, p. 42).

Estar demasiado consciente é uma doença, a qual aflige o protagonista. Ele descreve seu “subsolo” como o que ele esconde em sua psique, criado com a pressão dos anos e a sucessão de passagens muitas vezes traumáticas, e o que faz dele o homem que é agora: ruim, hiperconsciente, soberbo, mas frágil e doente.

Na segunda parte do romance, por outro lado, muito mais narrativa e rápida, o protagonista relata em primeira pessoa os eventos que ocorreram dezesseis anos antes, quando ainda era um jovem cidadão empregado de apenas vinte e quatro anos.

Dostoiévski neste livro quer expressar várias dúvidas e críticas sobre os valores e os credos do século XIX, posicionando-se contra a ciência e os valores morais oficiais de seu século. Mas, acima de tudo, através de um personagem fictício conseguiu dar expressão àquele subsolo que Freud, algumas dezenas de anos depois, tornou o elemento mais revolucionário do Ocidente sobre o ser humano.

Diante de um romance psicológico como *Memórias do subsolo*, é forte a tentação para arriscar uma interpretação mais orientada à psicanálise que à crítica literária: esta é a finalidade do próximo capítulo. Não será tomada em consideração a influência da própria personalidade do escritor, apesar de que tal seria uma atitude apropriada, tirando proveito das sugestões do próprio Freud (1907/1981):

Em muitos dos chamados romances psicológicos, sempre me chamou a atenção que apenas um personagem, o herói, é descrito por dentro: dentro de sua alma há, em certo sentido, o autor, que, ao invés, olha para os outros personagens do lado de fora. O romance psicológico deve sua peculiaridade em geral à tendência que o escritor moderno tem de separar seu eu, através da introspecção, em Eus parciais, personificando em mais heróis os conflitos que agitam sua vida interior (p. 381).

A justificação desta escolha está na especificidade de Dostoiévski como escritor, em conformidade com as palavras de Robert L. Belknap (2004):

Em geral, os leitores de Dostoiévski têm muito a dizer sobre sua própria psicologia. Muitas vezes, eles derivam suas observações do comportamento ou dos discursos de seus personagens — um

grande erro, porque a ficção de Dostoiévski é uma coisa feita, não uma emanção de seu espírito⁶ (p. 136-137).

Apesar disso, não podemos negar que também a abordagem cultural que dá origem à elaboração literária nunca é totalmente estranha à produção inconsciente do autor: isso será apontado quando for apropriado.

2.6 Quem é o homem do subsolo?

Em Dostoiévski, o “subsolo” da alma é algo assustador, indomável e, por sua irredutibilidade à razão, contrasta com o iluminismo e o positivismo da sociedade burguesa europeia do fim do século XIX; Giuseppe Gallo (2013), numa introdução a *Memórias do subsolo*, escreve:

Em termos de conteúdo, Dostoiévski traça a primeira anamnese implacável da crise do homem contemporâneo, dilacerada por impulsos contraditórios e irredutíveis, desprovidos de certezas e sólidos pontos de referência que uniformizassem seu comportamento moral. Daí resulta uma distância radical do racionalismo iluminista e positivista, à cuja pretensão de trazer as leis da natureza de volta à ordem da razão o escritor opõe a força da vontade que não permite limitações (p. XII).

O “subsolo” em Dostoiévski é, sobretudo, o lugar onde vive o desejo, uma parte essencial e inalienável do sujeito, que a razão nunca dominará totalmente; assim se expressa, ainda, Todorov (1996): “A razão nunca saberá nada mais que o ‘razoável’, isto é, apenas uma ‘vigésima parte’ do ser humano. Isto é, a parte essencial do ser é constituída pelo desejo, que não é razoável” (p. 149).

Vejamos o titular deste subterrâneo, o “homem do subsolo”, através das palavras de Joseph Frank (2013):

O primeiro segmento de *Memórias do subsolo* vai do capítulo I ao capítulo VI e seu conhecido trecho de abertura nos dá um quadro inesquecível do homem do subterrâneo [...]: ‘Sou um homem doente [...]. Sou um homem cheio de rancor. Desagradável. Acho que estou sofrendo do fígado’. O mínimo que se pode dizer, no primeiro contato, é que o homem do subterrâneo não está satisfeito consigo mesmo (p. 436).

O rancor do “homem do subsolo” — aprofundaremos neste assunto mais adiante — tem sem dúvida uma origem na hipocrisia das convenções impostas pela nova vida

⁶ São minhas todas as traduções de inglês em português

comunitária, no “decoro” burguês da Europa resultante da Revolução de 1789, das guerras napoleônicas e da Restauração, culturalmente iluminista, mas de ética reprimida.

Ainda numa introdução às *Memórias do subsolo*, o escritor italiano Alberto Moravia (1995) assim esclarece:

Mas no que exatamente esse decoro consistia? Consistia, acreditamos, na supressão, ou melhor, repressão de todos os aspectos indecorosos da vida, [...] segundo um critério burguês e europeu, [...] iluminista no plano cultural, mas reprimido a nível ético. Quanto a dizer: ‘A mente é livre porque os instintos estão acorrentados’ (p. II).

[...] se pela nova burguesia europeia no começo da revolução industrial essa repressão era necessária para aumentar a produtividade e os lucros, pela sociedade da Rússia czarista, ainda feudal e agrária, era nada mais que um macaquear provincial estéril que, pelo menos no caso do Dostoiévski, só levava a renunciar sem compensação aos recursos do ‘subsolo’ (p. III).

O “homem do subsolo” então é o homem da Rússia no final do século XIX que ainda não introjetou os valores da burguesia europeia e que, portanto, tenta negá-los (podemos dizer: um niilista), mas não é um homem qualquer: sua peculiaridade é a capacidade de olhar dentro da profundidade da sua psique, proceder a uma espécie de auto-análise, uma impiedosa confrontação, seja com a sua racionalidade — que olha impotente à submissão da vontade por parte das forças obscuras do “subsolo” —, seja com a sua consciência — que analisa todas as contradições da sociedade dos “homens de ação”.

Ainda, nas palavras de Moravia, vemos o homem do subsolo como aquele que não se identifica com a sociedade em que vive, e que então não reprime as expressões da sua interioridade, numa contínua confissão para os leitores:

Quem é o eu narrador das ‘Memórias do subsolo’? [...] Ele é, na realidade, apenas um homem ‘do subsolo’, ou seja, é um homem que não se reprime como seria de obrigação [...] pela boa razão de que ele não faz parte de nenhuma sociedade e então para que serve se reprimir se está fora da sociedade? Ele é um homem, no entanto, sincero até a indecência, a falta de vergonha, a autoflagelação. Em suma, é um homem que ‘se confessa’ (*ibid.*).

O mesmo Dostoiévski (1864/2004) confirma, no exato início de *Memórias do subsolo*, quem é este homem do subsolo:

Tanto o autor como o texto destas memórias são, naturalmente, imaginários. Todavia, pessoas como o seu autor não só podem, mas devem até existir em nossa sociedade, desde que consideremos as circunstâncias em que, de um modo geral, ela se formou. O que pretendi foi apresentar ao público, de modo mais evidente que o habitual, um dos caracteres de um tempo ainda recente. Trata-se de um dos representantes da geração que vive os seus dias derradeiros (p. 14).

Então, na visão do autor, este homem do subsolo é quem vive em conflito com as ideias dominantes da sociedade do seu tempo — expressando seu mal-estar interior sem recuar — e a sua falta de integração é de fato um recurso precioso para ir além das deficiências e falhas escondidas em qualquer hegemonia ideológica.

Nas palavras do protagonista do livro já se entrevê o seu conflito interior: *sou um homem doente, mas não me trato por uma questão de raiva* (p. 15); e a raiva é dirigida contra ele mesmo:

Naturalmente não vos saberei explicar a quem exatamente farei mal, no presente caso, com a minha raiva; sei muito bem que não estarei a “pregar peças” nos médicos pelo fato de não me tratar com eles; sou o primeiro a reconhecer que, com tudo isto, só me prejudicarei a mim mesmo e a mais ninguém (*ibid.*).

Então, vemos aqui que a raiva dirigida contra si mesmo provém da percepção de uma autorealização insatisfatória, uma incapacidade em condensar na própria pessoa, no próprio comportamento, o ideal da maioria dos homens do seu tempo:

Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha nem honrado nem herói nem inseto. Agora, vou vivendo os meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com o consolo raivoso — que para nada serve — de que um homem inteligente não pode, a sério, tornar-se algo, e de que somente os imbecis o conseguem. Sim, um homem inteligente do século dezenove precisa e está moralmente obrigado a ser uma criatura eminentemente sem caráter; e uma pessoa de caráter, de ação, deve ser sobretudo limitada (p. 17).

Qual é a recriminação que ele dirige a si mesmo? Ser um homem inteligente, ou melhor, “de consciência”, ser um homem com uma consciência demasiado desenvolvida, “hipertrófica”, que lhe mostra em qualquer momento as contradições dos seus desejos e a “falsidade” da sua raiva:

Mas sabeis, senhores, em que consistia o ponto principal da minha raiva? [...] que, a todo momento, mesmo no instante do meu mais intenso rancor, eu tinha consciência, e de modo vergonhoso, de que não era uma pessoa má, nem mesmo enraivecida; que apenas assustava passarinhos em vão e me divertia com isso (p. 16).

Ele chega a definir “doença autêntica” o ter “uma consciência muito perspicaz”:

Juro-vos, senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa. Para o uso cotidiano, seria mais do que suficiente a consciência humana comum, isto é, a metade, um quarto a menos da porção que cabe a um homem instruído do nosso infeliz século dezanove (p. 18).

Então, sua raiva é sustentada pela compulsão: aquela contra ele próprio não parece mais “verdadeira” que a dirigida aos outros; mas a segunda, apesar de ser percebida como uma ficção, é também geradora de um certo prazer: “Fui um funcionário maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso” (p. 15).

O mesmo conceito — encontrar prazer na raiva — é apontado por Todorov (1996):

Em várias ocasiões, o narrador afirma que, no seio do maior sofrimento, com a condição de estar bem ciente disso, ele encontrou uma fonte de prazer, “uma felicidade que às vezes atinge o ápice da volúpia” (p. 148-149).

Aqui está um exemplo extraído das *Memórias* que sustenta ainda mais a evidência de uma fusão entre raiva e prazer, destrutividade e libido:

chegava a ponto de sentir certo prazerzinho secreto, anormal, ignobilzinho quando às vezes [...] regressava ao meu cantinho e me punha a lembrar com esforço que, naquele dia, tornara a cometer uma ignomínia [...]. Remordia-me então em segredo, [...] até que o amargor se transformasse, finalmente, em certa doçura vil, maldita e, depois, num prazer sério, decisivo! Sim, num prazer, num prazer! (Dostoiévski, 1864/2004, p. 18-19).

2.7 Uma interpretação ideológica ou psicológica?

Se até então poderíamos vislumbrar a hipótese de uma tendência masoquista no homem do subsolo, Joseph Frank (2013) acrescenta outros elementos — a revolta contra o poder avassalador das “leis da natureza” — a esta interpretação:

A razão diz ao homem do subterrâneo que culpa ou indignação é coisa totalmente irracional e sem sentido; mas a consciência e um senso de dignidade continuam de qualquer forma a existir como componentes inextirpáveis da psique humana. Aí está, portanto, a explicação para o chamado masoquismo do homem do subterrâneo. Por que ele se recusa a procurar um médico para tratar do fígado ou insiste em dizer que se pode gostar de gemer desnecessária e inutilmente devido a uma dor de dente? É porque, em ambos os casos, algum poder misterioso, impessoal — as leis da natureza — reduziu o indivíduo a uma impotência total; e o único meio que tem de expressar uma reação

humana a esse poder é recusar-se a submeter-se em silêncio a seu despotismo [...]. A recusa a se tratar é um protesto desse tipo (p. 440-441).

A explicação de Frank sobre a raiva que o homem do subsolo — um russo da metade do século XIX — dirige contra si mesmo, e o sofrimento daí resultante, aponta para o protesto contra as “leis da natureza”, contra o alastramento das ideias dominantes naquela época, especialmente o materialismo utilitarista e o egoísmo racional de Tchernichévski: “Desde o dia de sua publicação, ficou evidente que *Memórias do Subterrâneo*⁷, de Dostoiévski, era um ataque, particularmente na Parte I, à filosofia do ‘egoísmo racional’, de Tchernichévski” (p. 430). Ainda:

[...] o homem do subterrâneo dramatiza dentro de si as consequências finais da posição que Dostoiévski estava atacando. Em outras palavras, o homem do subterrâneo não é apenas um tipo moral e psicológico cujo egoísmo o autor deseja expor; igualmente um tipo sócioideológico, cuja psicologia deve ser vista como estreitamente interligada com as ideias que ele aceita e pelas quais tenta viver (p. 432).

De forma equilibrada, porém, Frank admite a coexistência de uma possível interpretação psicológica (*o homem do subterrâneo não é apenas um tipo moral e psicológico cujo egoísmo o autor deseja expor*): proceder-se-á, então, a uma análise do comportamento e dos relatos desta personagem de ficção.

A hipótese que defenderei no próximo capítulo é a da possível interpretação do comportamento do homem do subsolo segundo uma disposição sadomasoquista.

⁷ Assim Joseph Frank indica a tradução do título do romance de Dostoiévski “*Memórias do subsolo*”

Cap. 3 — Uma tentativa de psicanálise textual

3.1 A “consciência” no homem do subsolo

A relação do protagonista das *Memórias* com sua consciência é problemática: não temos de entendê-la como a auto-constatação do que acontece na interação do sujeito com seu exterior (a realidade, o outro), mas sim como antecipação imaginária de seu resultado, e causa da subsequente inibição à ação; Todorov (1996) aponta assim a este conceito:

O primeiro tema que o narrador ataca é o da consciência (soznanie). Este termo não deve ser tomado aqui em oposição ao inconsciente, mas à inconsciência. O narrador esboça o retrato de dois tipos de homem: um é o homem simples e direto (neposredstvennyj), ‘l’homme de la nature et de la vérité’ (em francês no texto) que, atuando, não possui nenhuma imagem de seu ato, e o outro é o homem consciente. Para ele, todo ato é duplicado por sua própria imagem, que surge assim em sua consciência. Pior ainda, esta imagem aparece antes de acontecer qualquer coisa, tornando-a, por causa disso, impossível. O homem de consciência não pode ser um homem de ação (p. 147).

Uma “consciência” que apresenta a imagem antecipadora de um ato é, na verdade, a própria função imaginativa e fantasística, ou seja, uma criação efetuada pelo sujeito elaborando várias representações; o termo “fantasia” é assim definido por Laplanche e Pontalis (2001): “Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente” (p. 169); ainda, eles acrescentam:

Os termos ‘fantasias, fantasístico’ não podem deixar de evocar a oposição entre imaginação e realidade (percepção). Se fizermos desta oposição uma referência principal da psicanálise, seremos levados a definir a fantasia como uma produção puramente ilusória que não resistiria a uma apreensão correta do real [...]. Em ‘Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental’, Freud opõe ao mundo interior, que tende para a satisfação pela ilusão, um mundo exterior que impõe progressivamente ao sujeito, por intermédio do sistema perceptivo, o princípio da realidade (*ibid.*).

3.2 O conflito interno

Este “princípio da realidade”, entretanto, consegue efetivamente distanciar o que é real do que é imaginação no homem do subsolo? — ou, pelo contrário, está sujeito às manipulações da imaginação para outros fins? Vamos aprofundar nas *Memórias*:

Vou explicar-vos: o prazer provinha justamente da consciência demasiado viva que eu tinha da minha própria degradação; vinha da sensação que experimentava de ter chegado ao derradeiro limite; de sentir que, embora isso seja ruim, não pode ser de outro modo; de que não há outra saída; de que a pessoa nunca mais será diferente [...], por conseguinte, não é o caso de se transformar; simplesmente não há nada a fazer (Dostoiévski, 1864/2004, p. 20).

Temos aqui a evidência da insatisfação na modalidade de reação do homem do subsolo aos eventos da vida, junto a uma incapacidade de qualquer modificação no seu comportamento: a rigidez nas reações aos acontecimentos e a ruminação mental são características típicas das neuroses obsessivas, como explicam Laplanche e Pontalis (2001):

O conflito psíquico exprime-se por sintomas chamados compulsivos (ideias obsedantes, compulsão a realizar atos indesejáveis, luta contra estes pensamentos e estas tendências, ritos conjuratórios, etc.), e por um modo de pensar caracterizado particularmente por ruminação mental, dúvida, escrúpulos, e que leva a inibições do pensamento e da ação (p. 313).

Aqui o protagonista das *Memórias* se encontra em conflito entre a tentativa de uma reação à “injustiça do mundo” e o ficar parado na dúvida de ser ele mesmo parte desta injustiça; conforme as suas palavras:

Sou desconfiado e me ofendo com facilidade, como um corcunda ou um anão, mas, realmente, tive momentos tais que, se me acontecesse receber um bofetão, talvez até me alegrasse com o fato. [...] eu saberia encontrar também nisso uma espécie de prazer [...]. E o principal, por mais que se rumine o caso, está em que eu sou o primeiro culpado de tudo e, o que é mais ofensivo, culpado sem culpa e, por assim dizer, segundo as leis da natureza (Dostoiévski, 1864/2004, p. 21-22).

A hipótese é que esta falta de reação a uma ofensa, somada ao “sentir certo prazerzinho secreto, anormal, ignobilzinho”, revelaria uma repressão da expressão da raiva, da agressividade, que é então voltada pelo sujeito sob forma de uma autoagressão e de uma complacência: são os elementos do masoquismo.

3.3. Uma raiva reprimida

Qual é, todavia, a origem da raiva que ele assim reprime? Em mais de uma ocasião no texto encontramos o desdém do protagonista pelo “homem de ação”, então a raiva do homem do subsolo parece dirigida para os homens bem integrados do seu tempo, dos quais inveja a “falta de consciência”; aqui alguns exemplos:

Para o uso cotidiano, seria mais do que suficiente a consciência humana comum, isto é, a metade, um quarto a menos da porção que cabe a um homem instruído do nosso infeliz século dezenove [...]. Seria de todo suficiente, por exemplo, a consciência com que vivem todos os chamados homens diretos e de ação (Dostoiévski, 1864/2004, p. 18).

Num outro trecho, ele insiste e aponta também à limitação da inteligência do “homem de ação” (p. 29); mas, ainda, parece que este homem tem algo que ele desejaria: a falta de hesitação (p. 46).

O homem de ação é o homem sem o obstáculo da consciência, sem aquela voz interior que procura todas as dúvidas paralisantes às quais o homem do subsolo está submetido; podemos identificar esta voz como o superego, assim definido por Laplanche e Pontalis (2001):

Uma das instâncias da personalidade tal como Freud a descreveu no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico: o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. Freud vê na consciência moral, na auto-observação, na formação de ideais, funções do superego. Classicamente, o superego é definido como o herdeiro do complexo de Édipo; constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais (p. 497-498).

Então, configura-se uma rebelião do homem do subsolo contra o homem de ação, que absorveu totalmente os valores da sociedade; de acordo com a hipótese ideológica de Joseph Frank, esta disposição transforma-se num claro ataque aos representantes do “*egoísmo racional*” de Tchernichévski; aqui se poderia vislumbrar também um pouco da ideologia do próprio Dostoiévski que se manifesta no seu personagem.

3.4 A relação edipiana

Nas primeiras páginas do romance, o homem do subsolo descreve sua mocidade, quando gostava de ser um “funcionário maldoso”; principalmente, gostava da sua guerra particular, conduzida por um ano e meio, contra um oficial que o incomodava com o ruído de seu sabre (Dostoiévski, 1864/2004, p. 16).

Oficial como representante do poder masculino: não se pode deixar aqui de evidenciar o sabre como símbolo fálico. A figura do oficial confirma-se mais uma vez alvo da sua raiva, num episódio central da segunda parte do romance, quando foi agarrado pelos ombros e tirado do lugar por um oficial ao qual — sem se dar conta —

tinha atrapalhado o avanço; o homem do subsolo teria gostado, naquela ocasião, de uma “briga de verdade”, mas claramente a sua reação foi, como sempre, inexistente:

Fui tratado como uma mosca. Aquele oficial era bem alto, e eu sou um homem baixinho, fraco. A briga, aliás, estava em minhas mãos: bastava protestar e, naturalmente, seria posto janela afora. Mas eu mudei de opinião e preferi... apagar-me, enraivecido (p. 62-63).

Além da incapacidade de reagir fisicamente ao desrespeito, parece no texto que a motivação da inércia do homem do subsolo seja outra, a falta de “coragem moral”, pelo medo das zombarias dos presentes (p. 64). Podemos assumir aqui que aquelas percebidas por ele como as opiniões das pessoas sobre o ocorrido (“não me compreenderiam e me cobririam de zombarias”) eram na verdade as suas próprias produções inconscientes alimentadas pela censura do superego; então, a ausência de reação poderia ser explicada como uma recusa a dirigir a sua agressividade contra o oficial, símbolo da figura do pai, sustentada pelo medo da contrarreação. A inação poderia também ser explicada pelo desejo de uma relação mais amigável com o oficial, até um desejo de ser apreciado, admirado e, em suma, amado:

Afinal, decidi desafiar o meu inimigo para um duelo. Compus uma carta linda e atraente, implorando-lhe que se desculpassem perante mim; e, para o caso de uma recusa, aludia com bastante firmeza a um duelo. A carta foi escrita de modo que, se o oficial compreendesse um pouco sequer o “belo e sublime”, seguramente viria correndo à minha casa, para se atirar ao meu pescoço e oferecer a sua amizade. E como seria bom! Viveríamos tão bem, como amigos! Tão bem! Ele me defenderia com a imponência da sua posição; eu o tornaria mais nobre com a minha cultura, bem... com as ideias também, e muita coisa mais poderia acontecer! (p. 65).

3.5 A ambivalência

A carta nunca foi enviada (no caso de um homem de verdade, este receio da reação do oficial poderia ser, talvez, a expressão de um conflito na relação com a figura simbólica paterna?): no homem do subsolo o desejo de afirmação da própria superioridade coexiste com o desejo de ser valorizado pelo outro; em termos de amor/ódio, esta atitude chama-se ambivalência; na definição de Laplanche e Pontalis (2001): “Presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio” (p. 17).

O mesmo comportamento nota-se em várias páginas do romance; por exemplo, no meio do jantar de despedida em honra do antigo companheiro Zvierkóv, agora tenente,

que ia se mudar para o Cáucaso, o homem do subsolo toma a palavra com a intenção de ofendê-lo, mas a sua intervenção transforma-se assim:

Sr. Tenente Zvierkóv — comecei —, saiba que detesto as frases, os fraseadores e as cinturas apertadas... Este é o primeiro ponto, e agora vem o segundo. — Todos ficaram muito agitados. — Ponto número dois: detesto a bajulação e os bajuladores. Sobretudo os bajuladores! Ponto número três: amo a verdade, a franqueza e a honradez — prossegui quase maquinalmente, porque eu mesmo estava ficando gelado de horror, não compreendendo como ousava falar daquele modo... — Amo o pensamento, Monsieur Zvierkóv; amo a camaradagem de verdade, de igual para igual, e não... hum... Amo... Aliás, por que não? Eu também vou beber à sua saúde, Monsieur Zvierkóv. Seduza circassianas, atire nos inimigos da pátria e... e... À sua saúde, Monsieur Zvierkóv! (Dostoiévski, 1864/2004, p. 92).

Pouco depois — quando a situação piorou até a chegar a um desafio para um duelo entre Fierfítchkin e o homem do subsolo — este último, ao invés de aceitar o duelo, começa a recuar:

Estava febril; os cabelos, molhados de suor, grudaram-se à minha testa e às têmporas. — Zvierkóv! Peço-lhe perdão — disse, decidida e abruptamente. — E ao senhor também, Fierfítchkin; a todos, a todos, eu ofendi a todos! — Aí, hem! Um duelo não lhe agrada muito — ciciou com veneno Fierfítchkin. Senti algo cortar-me dolorosamente o coração.- Não, não é o duelo que eu temo, Fierfítchkin! Estou pronto a lutar com o senhor, amanhã mesmo, depois das pazes. [...]. Quero demonstrar-lhe que não temo o duelo [...]. Mas, deixe-me passar, por que se atravessou no caminho?!... Ora, que deseja? — replicou desdenhosamente Zvierkóv [...] Peço-lhe a sua amizade, Zvierkóv, eu o ofendi, mas... (p. 95-96).

Pela teoria psicanalítica, a origem da ambivalência — que, no caso deste texto de Dostoiévski, se manifesta no par de sentimentos opostos amor/ódio — pode-se colocar no dualismo pulsional dos estádios de desenvolvimento mais arcaicos da psique, onde se coloca a gênese da coexistência de tendências simultâneas e contraditórias em relação ao mesmo objeto (Klein, 1932/1981, p. 175).

Pode-se encontrar uma profunda elaboração deste conceito sobretudo nos trabalhos de Karl Abraham e Melanie Klein; nas palavras de Laplanche e Pontalis (2001):

Em ‘Pulsões e destinos das pulsões’ (*Triebe und Triebchicksale*, 1915), Freud fala da ambivalência a propósito do par de opostos atividade-passividade: ‘... a moção pulsional ativa coexiste com a moção pulsional passiva’. [...] ela torna-se, para Abraham, uma categoria genética, que permite especificar a relação de objeto própria de cada fase [...]. Nos trabalhos de Melanie Klein, na esteira

dos de Abraham, a noção de ambivalência é essencial. Para ela, a pulsão já de início é ambivalente: o ‘amor’ do objeto não se separa da sua destruição (p. 18).

Nos próximos dois parágrafos se aprofundará a hipótese do sadomasoquismo do homem do subsolo: serão realçadas no texto de Dostoiévski as ligações que podem justificar esta interpretação, salientando os trechos mais significativos.

3.6 Sadomasoquismo em *Memórias do subsolo*: “O subsolo”

Nesta primeira parte do romance o protagonista manifesta todo seu tormento interior; então ela — construída segundo a técnica do fluxo de consciência, apesar de ser dirigida a um público de leitores imaginários — é introspectiva, auto-analítica, e sob forma de longa confissão.

Já no início das *Memórias* aparece a raiva — uma característica essencial da personalidade do homem do subsolo — que aqui parece ser dirigida só contra si mesmo, causando uma forte desvalorização da percepção de si:

Sou um homem doente... Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado. [...]. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os médicos [...]. Mas, apesar de tudo, não me trato por uma questão de raiva. (Dostoiévski, 1864/2004, p. 15).

Mas, no texto, encontramos a evidência de uma raiva dirigida também para fora de si, sobretudo quando enfrentava pessoas fracas:

Fui um funcionário maldoso, grosseiro, e encontrava prazer nisso [...]. Quando os solicitantes, com pedidos de informações, se acercavam da mesa junto à qual me sentava, eu lhes respondia com um ranger de dentes, e sentia um prazer insaciável quando conseguia magoar alguém. Conseguia quase sempre. Na maior parte dos casos, aparecia gente tímida: era natural, em se tratando de solicitantes (p. 15-16).

A raiva, então, era dirigida da mesma maneira para os outros, especialmente no caso de pessoas vulneráveis; esta alternância no objeto, como veremos mais à frente, é um elemento — junto com a componente prazerosa, sexual — que caracteriza a tendência ao sadomasoquismo.

Claramente, o homem do subsolo experimenta a alternância no objeto da sua raiva de forma conflituosa: “mesmo no instante do meu mais intenso rancor, eu tinha

consciência, e de modo vergonhoso, de que não era uma pessoa má” (*ibid.*); é quase uma confirmação que ele expressa a sua raiva de maneira involuntária e compulsiva.

Esta percepção é motivo de sofrimento, que ele imputa à sua consciência: “Juro-vos, senhores, que uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa” (p. 18); mas a consciência de ter cometido uma maldade, o sentimento de culpabilidade, o sofrimento, tudo isso junta-se nele de forma prazerosa, dando voz à componente masoquista do homem do subsolo: ele percebe a inevitabilidade das suas “ignomínias”, debate-se sofrendo e se arrepende, mas, finalmente, a consciência da sua degradação transforma-se em prazer, em “certa doçura vil” (p. 19-20); trata-se da evidência da estrita interligação entre o prazer em magoar alguém (sadismo) e o prazer em magoar a si próprio (masoquismo), ambos presentes no homem do subsolo; nele o balanço entre sadismo e masoquismo é decididamente favorável ao segundo, e a raiva que ele não consegue expressar na vida real alimenta a sua vívida fantasia: “Imaginava, para mim mesmo, aventuras e inventava uma vida, para viver ao menos de algum modo” (p. 29). Em sua luta contra a predominância da razão, que pode até prejudicar uma livre expressão dos sentimentos, ele claramente está do lado destes últimos; a razão é aquela que teria a tarefa de travar as suas expressões de raiva, mas é exatamente aquilo que o homem do subsolo não gosta de fazer, por ter vinculado o prazer à raiva (p. 41).

O sentimento e a fantasia, nas palavras dele, juntam-se sempre de alguma maneira à destrutividade, reforçando a hipótese do sadismo inconsciente:

[...] o homem, unicamente por ingratidão e pasquinada, há de cometer alguma ignomínia. Vai [...] desejar, intencionalmente, o absurdo mais destrutivo, o mais antieconômico, apenas para acrescentar a toda esta sensatez positiva o seu elemento fantástico e destrutivo. Desejará conservar justamente os seus sonhos fantásticos (p. 44).

Da mesma maneira, ele não deixa de acreditar na “necessidade” do sofrimento como componente inalienável na vida do homem, o que constituiria a componente masoquista da sua estrutura psíquica (p. 47-48).

Acrescento aqui — somente como curiosidade — as frases no último parágrafo da primeira parte que me inspiraram na elaboração da primeira parte do título desta monografia: a “psicanálise” antes da psicanálise. Na minha opinião, Fiódor

Dostoiévski foi verdadeiramente um precursor dos conceitos e das técnicas psicanalíticas, de uma forma especial nas “Memórias”, e pelo menos trinta anos antes do nascimento oficial da psicanálise⁸. Por exemplo, na fala do homem do subsolo:

Existem nas recordações de todo homem coisas que ele só revela aos seus amigos. Há outras que não revela mesmo aos amigos, mas apenas a si próprio, e assim mesmo em segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio, e, em cada homem honesto, acumula-se um número bastante considerável de coisas no gênero (p. 52).

Não há, aqui, uma antecipação da noção de recalçamento?

E ainda: “Não quero constranger-me a nada na redação das minhas memórias. Não instaurei nelas uma ordem nem um sistema. Anotarei tudo o que me vier à lembrança” (p. 53): não parece a técnica da associação livre num estágio embrionário?

E também, não encontramos no texto aqui abaixo uma tentativa de exteriorizar e objetivar as representações mentais — tarefa que na psicanálise é dirigida à atenção do analista — com a técnica do relatar as próprias memórias?

Fica ainda uma pergunta: para que, em suma, quero eu escrever? Se não é para um público, não se poderia recordar tudo mentalmente, sem lançar mão do papel? Assim é; mas, por escrito, isto sairá, de certo modo, solene. O papel tem algo que intimida, haverá mais severidade comigo mesmo, o estilo há de lucrar. Além disso, é possível que as anotações me tragam realmente um alívio (p. 54).

Será por acaso que Dostoiévski, pela voz (ou melhor, pela escrita) do homem do subsolo, declara: “Há toda uma psicologia nisso”? (p. 53)

3.7 Sadomasoquismo em *Memórias do subsolo*: “A propósito da neve molhada”

Nesta segunda parte do romance o homem do subsolo continua seu monólogo, desta vez contando alguns episódios de sua vida, quando tinha vinte e quatro anos, revelando as contradições de seu comportamento. Permanece a evidência de uma auto-recriminação, isto é, de uma agressividade dirigida contra o próprio Eu, apesar de ser atribuída aos outros, na convicção de o julgamento severo dirigido contra si (que é uma das formas nas quais se pode manifestar o “masoquismo moral”) ser o mesmo que os outros emitiriam contra ele: “olhava-me, com muita frequência, com enfurecida

⁸ Freud utilizou pela primeira vez a palavra “psico-análise” em seu artigo “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, do ano de 1896: <http://www.cpmg.org.br/2018/psicanalise.html>

insatisfação que chegava à repugnância e, por isso, atribuía mentalmente a cada um o meu próprio olhar” (Dostoiévski, 1864/2004, p. 56). Temos aqui também um exemplo de “projeção”, ou seja, a localização no outro de sentimentos e desejos que o sujeito desconhece ou recusa nele (Laplanche & Pontalis, 2004, p. 374). A relação com os outros é extremamente problemática por conta desta agressividade que, quando inconscientemente dirigida para fora, produz culpabilidade e senso de inferioridade: “Está claro que odiava todos os funcionários da nossa repartição, do primeiro ao último [...], mas, simultaneamente, como que os temia” (Dostoiévski, 1864/2004, p. 57). O ódio que ele dirige para fora mais uma vez volta-se contra ele como provindo dos outros (“*os temia*”), assinalando que uma parte desse ódio está fora da consciência, é recalçada.

A pressão da sua angústia era ocasionalmente atenuada refugiando-se no mundo fantástico dos livros: “Tinha vontade de abafar com impressões exteriores tudo o que fervilhava incessantemente. E, quanto a impressões exteriores, só me era possível recorrer à leitura” (p. 61). Refugiar-se na fantasia é um dos recursos típicos da neurose (Freud, 1911/2010d); isso para o homem do subsolo não era suficiente, pois precisava de uma expressão nas ações: “Além de tudo, a angústia fervilhava dentro de mim; surgia-me um anseio histérico de contradições, de contrastes, e eu me lançava na libertinagem” (Dostoiévski, 1864/2004, p. 61-62). Mas, às vezes, o desejo de punição (que é a contrapartida do sadismo, a saber, o masoquismo) reaparece, com suas conotações prazerosas:

Certa vez, passando à noite junto a uma pequena taverna, vi, por uma janela iluminada, que uns cavalheiros começaram a lutar com tacos de bilhar e que um deles foi posto janela afora [...]. Cheguei a invejar o cavalheiro atirado pela janela, e invejei-o a tal ponto que até entrei na taverna e fui para a sala de bilhar, como se quisesse dizer: “Quem sabe? Talvez eu brigue também e seja igualmente posto janela afora” (*ibid.*).

Reaparece também a relação conflituosa com a figura paterna — com frequência simbolizada por um militar, um oficial (é útil lembrar aqui que o pai de Dostoiévski era um médico militar) — caracterizada por uma queixa relativa à falta de respeito, isto é, um desejo de ser “amado” mais, mesmo à custa de sofrer (ainda, amor e ódio que são simultaneamente presentes, numa atitude ambivalente):

Logo de início, um oficial teve um atrito comigo. Eu estava em pé junto à mesa de bilhar, estorvava

a passagem por inadvertência, e ele precisou passar; tomou-me então pelos ombros e, silenciosamente, sem qualquer aviso prévio ou explicação, tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse. Até pancadas eu teria perdoado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse (p. 62-63).

A mistura de amor e ódio em relação à figura simbólica paterna é ainda mais evidente neste trecho (meu o grifo): “Uma vez, de manhã, embora até então nunca fosse dado às literaturas, veio-me de repente a ideia de descrever aquele oficial numa transposição acusatória, caricatural, em forma de novela. *Foi com prazer que a escrevi*” (p. 65). Aqui, o prazer é aquele da vingança, vamos dizer: sádico. A novela, porém, nunca foi publicada, então a urgência de obter uma satisfação pela ofensa sofrida empurrou o homem do subsolo a escrever uma carta ao oficial; mas, em vez de manifestar ressentimento (apesar de conter formalmente um desafio para um duelo), esta visava muito mais a estabelecer uma relação de amizade com ele, imaginando toda uma vida idílica, juntos (*ibid.*): ainda mais, o tema do amor e do ódio dirigidos para a mesma pessoa, de forma ambivalente.

É fácil supor por que aquela carta nunca foi enviada: o homem do subsolo teve medo que o oficial aceitasse o duelo, porque isso significaria o fim da sua ilusão imaginária de uma relação “de amor” com ele, e a impossibilidade de continuar a alimentar este sentimento na fantasia. Então, o desejo de vingança pela falta de atenção levou-o a uma “terrível” retaliação: depois de endividar-se para se vestir como os ricos e não desfigurar, durante uma das suas frequentes caminhadas na Avenida Nievsky esbarrou no oficial sem se desviar e sem pedir desculpas (p. 65-70). A alternância destes sentimentos de amor e ódio, porém, manifestavam-se numa oscilação entre exaltação de si e desvalorização:

Voltei para casa vingado de tudo. Meu estado era de arrebatamento. Triunfara, e ia cantando árias italianas. Está claro que não vos descreverei o que me sucedeu três dias mais tarde [...]. Chegava, porém, ao fim a fase da minha devassidãozinha, e eu começava a ter náuseas terríveis. Assaltava-me o arrependimento, mas eu o repelia: era por demais nauseante (*ibid.*).

A necessidade de ter relações sociais o empurrava a frequentar pessoas que não o respeitavam e que ele não estimava, mas a sua raiva inconsciente manifestava-se sem

escapatórias, estragando tudo; tentou restabelecer ligações com colegas da escola, apesar de não gostar deles e de nem os ter cumprimentado na rua durante anos:

Aliás, eu tinha ainda outro conhecido, por assim dizer: Símonov, meu ex-colega de escola. Havia muitos outros colegas meus de escola em São Petersburgo, mas não me dava com eles e até deixara de cumprimentá-los na rua. É possível que eu me tenha transferido para outra repartição justamente para não ficar junto deles e romper de vez com toda a minha odiosa infância. A maldição cubra aquela escola e aqueles terríveis anos de forçado!⁹ (p. 74).

Ele chega a se auto-convidar a um jantar de despedida de Zvierkóv, um dos colegas da escola — também ele um militar, um oficial (e retorna aqui o conflito com a figura paterna) —, apesar de não ter suficiente dinheiro para custear o restaurante (p. 75) e apesar da clara desaprovação dos outros amigos, que o consideram um intruso desmancha-prazeres (p. 78-79): vemos aqui a manifestação do desejo de fazer parte de um grupo, ser aceito e amado, mas este seu desejo conflita com a tendência a considerar as outras pessoas como “não dignas” da sua amizade.

O homem do subsolo transforma o jantar desde o início numa ocasião para expressar tanto seu prazer em manifestar a sua raiva reprimida, quanto sua necessidade de ser amado, à custa de sofrer (p. 86), consolidando assim a hipótese do sadomasoquismo.

Depois de ter criado muitas situações paradoxais e de ter perturbado o banquete, o homem do subsolo dá o melhor de si no brinde que ele pessoalmente quer fazer em homenagem a Zvierkóv; a intenção seria de humilhá-lo, mas, como sempre, seus sentimentos conflitantes de amor-ódio transformam suas palavras, distorcendo o significado inicial do discurso quase em seu contrário, o que aponta claramente a uma simultânea presença nele de tendências opostas, mais uma vez amor e ódio (p. 92). Ele chega até, ofendido, a desafiar um dos seus “amigos” — o Sr. Fierfitchkin — para um

⁹ Lembramos aqui que também Dostoiévski teve anos difíceis na escola; cf. o par. 2.3: “ele foi matriculado na escola de engenharia militar de São Petersburgo, instituição frequentada relutantemente, tendo os seus interesses já firmemente estabelecidos para a literatura”. Também o protagonista das *Memórias*, como o seu Autor, teve interesses em disciplinas diferentes daquelas do curso que frequentava: “eu lia livros que eles não podiam ler e compreendia assuntos (alheios ao nosso programa especial) de que eles nem sequer tinham ouvido falar. [...], os próprios professores fixavam, por esse motivo, a atenção em mim” (p. 82). Outra coincidência com a vida do Autor aparece no romance; o homem do subsolo assim fala: “Empurraram-me para aquela escola uns parentes distantes, dos quais eu dependia” (p. 81). Também Dostoiévski foi “empurrado” para a escola (militar) pelo pai, que era com efeito emocionalmente distante dele ...

duelo, mas depois de gastar algumas horas atormentando-se, recua e pede perdão (ainda o conflito em ação), cheio de remorsos (p. 95).

O protagonista alcança o ponto de maior vileza no final do romance. Indo atrás de seus amigos, que tinham saído do restaurante para ir a um bordel, conhece uma jovem prostituta — Liza — e tenta, aparentemente, redimi-la. Na verdade, o que está fervendo no seu inconsciente é um desejo de vingança pela má figura feita com seus amigos; então, assusta-a falando do fim trágico de todas as prostitutas, e da condição de escravidão na qual vivem; alcança assim seu objetivo de fazê-la chorar.

Liza acredita que o homem do subsolo tenha boas intenções, porque lhe deu seu endereço de casa e a convidou a fazer-lhe uma visita; nada de mais errado: a simples suposição que Liza aceitasse o convite faz o homem do subsolo se assustar, porque entende que aquele acontecimento poderia mudar totalmente a sua vida, e a rigidez da sua constituição neurótica não o permite:

Voltei para casa inteiramente mal-humorado. Era como se me pesasse na alma certo crime. Atormentava-me incessantemente o pensamento de que Liza podia vir a minha casa. Parecia-me estranho que, de todas aquelas recordações da véspera, a de Liza me torturasse de modo particular, inteiramente à parte (p. 124).

Quando Liza vai para a sua casa, ele a trata muito mal, mais uma vez sentindo prazer no humilhar sadicamente a vítima do momento:

— Por que você veio? Responda! Responda! — exclamava, quase perdendo a consciência de mim mesmo. — Vou dizer-lhe, mãezinha, para que veio aqui. Veio porque eu disse então a você palavras piedosas. Pois bem, você ficou enternecida com elas, e agora quis ouvir de novo “palavras piedosas”. Pois saiba, saiba de uma vez, que eu então estava rindo de você. E agora também rio [...]. Eu tinha sido ofendido, ao jantar, pelos que estiveram naquela casa antes de mim [...]; apareceu você, e eu descarreguei sobre você todo o meu rancor, zombei de você. Humilharam-me, e eu também queria humilhar (p. 137).

Apesar das muitas limitações inerentes a uma operação de interpretação de um texto literário à luz das teorias psicanalíticas, acho que as evidências produzidas nestes últimos parágrafos possibilitam pelo menos que se considere como apropriada uma correlação entre o “comportamento” do homem do subsolo (nunca devemos esquecer que é um personagem fictício!) e os principais sintomas de uma constituição sadomasoquista da personalidade, de acordo com que foi — e ainda hoje é — relatado

por inúmeros psicanalistas nas suas experiências clínicas com este tipo de pacientes.

Conclusão

Como vimos, a abordagem ao sadomasoquismo envolve estudos de muitos autores de épocas diferentes, o que demonstra a grande complexidade do tema. A referência fundamental aqui utilizada é Freud, que tratou do sadismo e do masoquismo desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), especificando que é normal encontrar uma mistura das duas tendências no mesmo sujeito, embora em graus diversos; neste texto ele tende a considerar como inicial a ocorrência do sadismo, e o masoquismo seria uma transformação do sadismo originário voltado contra a própria pessoa (p. 52-53). Alguns anos depois, nas *Cinco lições de psicanálise* (1910/2013a), aponta sadismo e masoquismo como pares de opostos, ativos e passivos (p. 204-205).

Em *Pulsões e destino da pulsão* (1915/1999), ele especifica que sadismo e masoquismo são duas pulsões sexuais parciais, e confirma que — em consequência de um mecanismo de defesa arcaico: a transformação no contrário — o destino pulsional do sadismo é o masoquismo, mudando da atividade para a passividade (p. 209-232).

O mecanismo de transformação do sadismo em masoquismo foi esclarecido por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920/2010a), onde introduziu a bipolarização entre a pulsão de vida e a pulsão de morte: ele define a tendência à restauração de um estado anterior como uma característica universal das pulsões (nomeadamente, da pulsão de morte), e — corrigindo o que tinha afirmado em 1915 — admite que também o masoquismo (isto é, o voltar-se da pulsão sádica contra o próprio Eu) possa ser um retorno a uma fase anterior, uma regressão, possibilitando a ideia de um masoquismo primário para além de um sadismo primário; ele assim relata: “Em um ponto a descrição que ali se fez do masoquismo necessitaria de correção, por ser demasiado exclusiva; o masoquismo também pode ser primário, algo que ali pretendi contestar” (p. 165).

A questão do sadismo e do masoquismo em relação às pulsões de vida e de morte é tratada mais uma vez por Freud em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011); ele se questiona sobre a incompreensibilidade do masoquismo — que causa sofrimento — à luz do princípio do prazer, cuja tarefa seria evitar o desprazer; Freud resolve a incongruência no âmbito da relação entre pulsão sexual e pulsão de

morte: a primeira teria a tarefa de tornar inócua a segunda — pulsão que visaria à destruição também do próprio sujeito — unindo-se a ela; tarefa que cumpre quer desviando-a para fora (sadismo), quer pela parte que não realiza a transposição para o exterior, ligando-se a ela libidinalmente dentro do mesmo organismo: este constituiria o masoquismo original erógeno (p. 172).

Finalmente, no texto *Sobre a sexualidade feminina* (1931/2010b) ele elabora um conceito retomado também por alguns pós-freudianos contemporâneos: a tendência a uma reação ativa em contrapartida de uma impressão passiva recebida; o sujeito tentaria, assim, integrar uma experiência passiva por meio de uma ação ativa. Isto seria uma inversão do relatado tanto em *Pulsões e destino da pulsão* quanto em *Além do princípio do prazer*: a direção originária não iria mais da atividade para a passividade, mas ao contrário; o sadismo, então, surgiria como resposta a uma experiência sofrida pelo sujeito, e não como exclusiva consequência da pulsão de morte (p. 214).

Na visão de Karl Abraham, o sadismo é o resultado da relação mútua entre a agressividade e a sexualidade; a pulsão agressiva pode, pela ação conjunta de uma outra pulsão, se converter no seu contrário e se dirigir contra o próprio sujeito, conduzindo ao masoquismo (1909, p. 581).

Para Abraham, a origem do sadismo encontra-se na fase anal da organização psicosssexual infantil: o recalçamento das tendências sádicas, e a relativa frustração, provocaria a inversão masoquista da agressividade sobre o sujeito, o qual adotaria uma atitude passiva, obtendo prazer de seu sofrimento (1911/1927, p. 147).

Melanie Klein, seguidora das ideias de Abraham, aprofunda a origem da agressividade, e a situa nas fases arcaicas do desenvolvimento psicosssexual: seria a expressão dos impulsos destrutivos que a criança dirige para o seio da mãe — isto é, do sadismo oral — e que contrastariam com o prazer libidinal em mamar; uma ativação violenta e precoce das tendências sádico-orais, ainda, facilitaria a expressão de traços de carácter sádicos e ambivalentes (1932/1981, p. 174-175).

Alguns pós-freudianos contemporâneos abordam o problema do sadismo e do masoquismo numa correlação com a raiva; Felicity de Zulueta (2006) diferencia as respostas *funcionais* daquelas *disfuncionais*: nas primeiras inclui a agressividade como

um comportamento reativo e adaptativo (defesa) que o sujeito é capaz de dominar; nas segundas inclui raiva, vingança, reivindicações, violência, destrutividade, como expressões de um Eu incapaz de adaptar-se à emoção relacionada àquela experiência.

Ainda, a raiva disfuncional para John Bowlby (1973) ocorre quando à intensa e contínua irritação com o parceiro junta-se um enfraquecimento do vínculo entre a dupla, ou quando o ato agressivo vai além da intenção dissuasiva e torna-se vingança: também ele define as reações disfuncionais como aquelas postas em ato por um Eu fraco e desorganizado, incapaz de gerenciar a experiência traumática ou abusiva; o Eu reage à dor de forma primitiva, com uma inversão reativa no oposto, baseada na negação: não sou eu que recebo a dor, é o outro.

Heinz Kohut (1972) liga a reação vingativa a uma necessidade narcísica: infligir ao outro as mesmas feridas narcísicas que o sujeito sofreu, para anular o dano e corrigir o “erro”, com o suporte da compulsão à repetição e à transformação de uma experiência passiva em uma ativa.

Igualmente, Harold Searles (1965) aponta à vingança como manobra implementada para remover a dor sofrida por ocasião da injustiça ou da ofensa ou, ainda mais, para a repressão de luto e ansiedade gerados pela separação da pessoa à qual a vingança é dirigida: seria uma maneira de se manter psicologicamente ligada a ela, segundo a mais geral “teoria do apego” (p. 177).

Karen Horney (1948), ainda, considera a vingança provir da necessidade de reparar as feridas narcísicas e anular a situação de impotência conectadas ao evento da ofensa: todas as energias do sujeito seriam mobilizadas para alcançar ao triunfo vingativo; o sadismo desempenharia então o papel de defesa múltipla — desvio da dor e tentativa de restaurar a integridade do Eu — enquanto o masoquismo seria uma resposta conservadora, voltada para a passividade original (p. 3-12).

Na abordagem ao sadomasoquismo, o que acomuna todos estes pós-freudianos é o abandono do contexto biológico e constitucional que caracterizou grande parte da imposição de Freud, para oferecer uma explicação mais ligada à experiência do sujeito, ao que foi vivido emocionalmente.

Analisar o sadomasoquismo em *Memórias do subsolo*, como característica do comportamento do homem do subsolo manifestando-se ao longo da sua vida textual, não significa que o homem do subsolo “seja” um sadomasoquista, pela simples razão que ele não é um homem de verdade: podemos considerar, então, a interpretação simplesmente como fruto de uma dedução baseada numa sequência de acontecimentos ligados por uma coerência estrutural, utilizando como ferramenta os conhecimentos técnicos derivados das teorias psicanalíticas.

Este foi o trabalho desenvolvido no capítulo 3, salientando os trechos do texto de Dostoiévski (2004) onde é possível encontrar um paralelismo com as teorias psicanalíticas; inicialmente, foi feita uma análise do que o protagonista do romance chama de “consciência”, mas que parece muito mais uma atividade imaginativa e fantasística ao serviço do próprio “masoquismo moral”; depois foi salientado o conflito interior ao qual ele está submetido: a insatisfação de si, a sua incapacidade de lutar contra aquelas que chama as “injustiças do mundo”, mas também a facilidade em sentir-se ofendido sem que a isso se siga qualquer ação concreta para reestabelecer sua honra manchada.

A raiva do homem do subsolo é dirigida ao “homem de ação”, que inveja para não ter este fardo da consciência: quando o homem do subsolo faz uma maldade, é esta que o culpabiliza; mas revela-se também aqui uma característica conectada ao sadomasoquismo: a consciência da sua ignomínia transforma-se logo após em prazer! Trata-se da interligação entre o prazer em magoar alguém e o prazer em magoar a si próprio ou, em termos psicanalíticos, a coexistência de sadismo e masoquismo.

A relação conflituosa com vários oficiais — admiração, desejo de ser respeitado, desejo de uma relação amigável — faz também pensar a uma relação ambivalente com tudo aquilo que representa o poder masculino, ainda numa mistura de amor e ódio.

A análise pontual das ocorrências textuais que se podem conectar à ideia do sadomasoquismo foi feita nas últimas duas secções do capítulo 3; a primeira aponta às manifestações de raiva que o homem do subsolo dirigia para pessoas quase sempre mais vulneráveis que ele, e a impossibilidade de ter uma reação quando o ofendido era ele, principalmente quando isto acontecia por parte de homens poderosos: neste caso,

o desejo de vingança — embora forte — era rapidamente reprimido, para transformar-se em um desejo de amizade com quem antes o tinha ofendido.

A segunda parte, onde continua a narração de episódios vividos nos anos da mocidade do homem do subsolo, mostra evidências de uma auto-recriminação (agressividade contra o próprio Eu), mas projetada nos outros: “os meus colegas pareciam olhar-me com certa aversão” (Dostoiévski, 2004, p. 56); quando a agressividade inconsciente é dirigida para fora, intervém a consciência com sua culpabilidade: “odiava todos os funcionários da nossa repartição [...] mas [...] eu baixava os olhos diante de quase todos que encontrava” (p. 57); a pressão desta angústia era aliviada só refugiando-se no mundo da fantasia: “inventava para mim mesmo aventuras e inventava uma vida” (p. 29).

O desejo de compartilhar a amizade de quem, por outro lado, detestava, empurra o homem do subsolo a colocar-se em situações ambíguas — por exemplo, se auto-convida a uma despedida em honra de Zvierkóv (mais uma vez, um oficial!) — nas quais seu desejo de vingança contra os “homens de ação” é invariavelmente frustrado, e convertido em auto-umiliação (p. 95); ainda, uma oscilação entre agressividade dirigida para o exterior ou contra si mesmo.

Salientando mais uma vez as incontestáveis ligações entre a produção literária e a investigação psicológica das profundezas humanas, as quais inspiraram a realização do presente trabalho, gostaria de concluir com as palavras de G. Bottiroli (2000): “(...) entre a psicanálise e a literatura existiria uma solidariedade, fortalecida e não negada pela diferença de métodos: os poetas sublimam, os analistas desublimam. [...] a psicanálise é menos uma ciência do que a repetição — não tautológica — do que os poetas sabiam”.

Referências

- ABRAHAM, K. (1909). Bericht über die österreichische und deutsche psychoanalytische Literatur bis zum Jahre 1909 (Report on the Austrian and German psychoanalytic literature to the year 1909). In *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* (pp. 575-594). Leipzig und Wien: Franz Deuticke
- ABRAHAM, K. (1927). Notes on Manic-depressive Insanity. In *The International Psycho-Analytical Library n.13: Selected Papers of Karl Abraham* (pp. 137-156). London: Hogarth Press. (Obra original publicada em 1911)
- BACHTIN, M. (1968). *Dostoevskij: Poetica e stilistica*. Torino: Einaudi
- BELKNAP, R. L. (2004). *Dostoevskii and psychology*. In W. J. Leatherbarrow (publicado por), *The Cambridge Companion to Dostoevskii*. Cambridge: University Press
- BOTTIROLI, G. (2000). Enciclopedia Italiana — VI Appendice. In <http://www.treccani.it/enciclopedia/letteratura-e-psicoanalisi> (Enciclopedia-Italiana)
- BOWLBY, J. (1973). *Attachment and Loss — vol. II: Separation, Anxiety and Anger*. New York: Basic Books
- DE ZULUETA, F. (2006). *From Pain to Violence: The Traumatic Roots of Destructiveness* (2ª ed.). Hoboken: Wiley-Blackwell
- DOSTOIÉVSKI, F. (2004). *Memórias do subsolo* (5ª edição). São Paulo: Editora 34. (Obra original publicada em 1864)
- DOSTOEVSKIJ FËDOR (2007). In *Enciclopedia della Letteratura*. Milano: Garzanti
- ELLIS, H. (1921). *Studies in the Psychology of Sex*, vol.3 (2ª ed.). Philadelphia: F. A. Davis Company Publ.
- FRANK, J. (2013). *Dostoiévski — Os efeitos da libertação 1860-1865*. São Paulo: Editora da Universidade de SP
- FREUD, S. (1971). Die Traumdeutung (L'interpretazione dei sogni). In *Opere* (2ª ed.) — vol.3. Torino: Boringhieri. (Obra original publicada em 1900)
- FREUD, S. (1975). *Algumas lições elementares de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1940)

- FREUD, S. (1981) Il poeta e la fantasia. In *Opere — vol.5* (pp. 371-384). Torino: Boringhieri. (Obra original publicada em 1907)
- FREUD, S. (1999). Triebe und Tribschicksale (As pulsões e destinos de pulsão; trad. V. Freitas). In *Gesammelte Werke, vol.X* (pp. 209-232). Frankfurt am Main: Fischer. (Obra original publicada em 1915)
- FREUD, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In *Obras Completas vol.14* (pp. 120-178). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1920)
- FREUD, S. (2010b). Sobre a sexualidade feminina. In *Obras Completas vol.18* (pp. 202-222). São Paulo,2010: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1931)
- FREUD, S. (2010c). O tema da escolha do cofrinho. In *Obras Completas vol.10* (pp. 229-241). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913)
- FREUD, S. (2010d). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico, In *Obras Completas vol.10* (pp. 81-91). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1911)
- FREUD, S. (2011). O problema econômico do masoquismo. In *Obras Completas vol.16* (pp. 165-181). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1924)
- FREUD, S. (2012). O Moisés de Michelangelo. In *Obras Completas vol.11* (pp. 272-298). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914)
- FREUD, S. (2013a). Cinco lições de psicanálise. In *Obras Completas vol.9* (pp. 166-218). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1910)
- FREUD, S. (2013b). As perspectivas futuras da terapia psicanalítica. In *Obras Completas vol.9* (pp. 219-231). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1910)
- FREUD, S. (2013c). Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. In *Obras Completas vol.9* (pp. 86-165). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1910)
- FREUD, S. (2014). Dostoiévski e o parricídio. In *Obras Completas vol.17* (pp. 275-297). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1928)
- FREUD, S. (2015). O delírio e os sonhos na Gradiva de Jensen. In *Obras Completas vol.8* (pp. 9-57). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1907)

- FREUD, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras Completas vol.6* (pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905)
- GALLO, G. (2013). Introduzione. Em Dostoevskij, F. *Memorie dal sottosuolo*. Milano: Mondadori Mondolibri. (Obra original publicada em 1864)
- GIVONE, S. (2006). *Dostoevskij e la filosofia*. Bari: Edizioni Laterza
- HORNEY, K. (1948). The Value of Vindictiveness. In *The American Journal of Psychoanalysis*, — vol.8 (pp. 3-12). New York: Palgrave Macmillan
- KLEIN, M. (1981). *Psicanálise da criança* (3ª ed.). São Paulo: Editora Mestre Jou. (Obra original publicada em 1932)
- KOHUT, H. (1972). Thoughts on Narcissism and Narcissistic Rage. In *The Psychoanalytic Study of the Child* — vol.27 (pp. 360-400). London: Taylor & Francis
- KRAFFT-EBING (von), R. (1886). *Psychopathia Sexualis: eine Klinisch-Forensisc: e Studie*. Stuttgart: von Ferdinand Enke
- LAMENDOLA, M. (2017). La dimensione psicologica nei romanzi di Fëdor Dostoevskij. In <http://www.accademianuovaitalia.it/index.php/cultura-e-filosofia/letteratura/2487-fedor-michajlovic-dostoevskij>
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. (2004). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed.). São Paulo: Livraria Martin Fontes Editora
- LO GATTO, E. (1943). Nota introduttiva. In Dostoevskij, F. *Memorie dal sottosuolo*. Firenze: Sansoni.
- MORAVIA, A. (1995). Introduzione. In Dostoevskij, F. *Memorie dal sottosuolo* (pp. I-VII; trad. M. Martinelli). Segrate: BUR Rizzoli. (Obra original publicada em 1864)
- SEARLES, H. F. (1965). The Psychodynamics of Vengefulness. In *Collected Papers on Schizophrenia and Related Subjects* (pp. 177-191). London: Hogarth Press
- STAROBINSKI, J. (1975). Amleto e Edipo. In Starobinski, J. *L'occhio vivente* (pp. 319-345; trad. G. Guglielmi). Torino: Einaudi. (Obra original publicada em 1967)
- TODOROV, T. (1996). *Los generos del discurso* (1ª ed.; trad. Jorge Romero León). Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana